



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MANUEL ANTÓNIO MOREIRA DA SILVA

A arte de educar na fé
Contributos do pensamento pedagógico de
Padre Américo Monteiro de Aguiar para a renovação da Catequese atual

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor Luís Manuel da Cruz Leal

Porto
2023

Agradecimentos

Como disse Santa Teresa D' Ávila: «Quem ama faz sempre comunidade; não fica nunca sozinho.» Assim sendo, quero deixar público o meu agradecimento a todos os que me acompanharam nesta vereda da minha formação académica.

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais, irmãos e tias, que me ajudaram no meu crescimento e na minha educação: agradeço-lhes pelos momentos em que me encorajaram, por todas as vezes que me ampararam nas minhas quedas, pelas palavras de carinho e de amor durante a elaboração deste trabalho. E sobretudo pela paciência que demonstraram, pelos guerreiros que foram e que me ajudaram a ser, estando sempre a meu lado.

Em segundo lugar quero agradecer à D. Rosa e à sua filha por todas as conversas e todos os momentos em que me deram força e coragem para acabar estas páginas. À D. Rosa quero agradecer o seu exemplo de fé e de testemunho, de simplicidade e humildade, pela sua força, pelas suas palavras sinceras em todos os momentos, sobretudo naqueles em que pensava desistir; o seu exemplo e testemunho faziam-me ganhar ânimo e coragem para continuar a lutar para chegar ao fim deste trajeto demorado e delicado. À sua filha agradeço por todos os momentos que dedicou à leitura e correção do meu texto. As conversas que tivemos em relação ao que foi escrito e como foi escrito. Agradeço a sua paciência e dedicação, bem como todo o seu esforço para me ajudar a alcançar este objetivo. Através do seu testemunho e da sua dedicação aprendi a lutar e a vencer; a sua bondade e capacidade pedagógica muito me ajudaram no processo de elaboração deste trabalho.

Agradeço ainda ao meu colega de trabalho Bruno Magalhães que, com a sua simplicidade e humildade, sempre me ajudou; a sua visão das coisas permitiu-me esclarecer muitas questões.

Ao reverendo Pe. Paulo, que sempre esteve presente, que acreditou e muito me ajudou na elaboração desta investigação.

Um agradecimento muito especial ao meu orientador, o Professor Doutor Luís Leal, por toda a sua disponibilidade, por toda a sua paciência e orientação em todo o processo de elaboração da tese; por ter estado sempre disponível para me ajudar e por sempre escutar os meus problemas e dificuldades.

Um obrigado ao Sérgio Ribeiro e à Mariana Moreira pela tradução e correção do inglês. Um agradecimento especial à Alda Miguel, bibliotecária da Universidade, que sempre

demonstrou uma grande disponibilidade para ajudar: eis um exemplo de cuidado e de atenção para com os alunos.

Esta foi, de facto, uma longa viagem, cheia de desvios e de desafios, muitas tristezas, muitas incertezas, muitos obstáculos que foram aparecendo com o avançar do caminho; mas igualmente algumas alegrias. Uma investigação como esta é sempre um processo solitário, no entanto, é justo um agradecimento a todas estas pessoas que estiveram sempre ao meu lado, que nunca desistiram de mim, pessoas que me ajudaram em cada momento e em cada página deste trabalho. Em suma, não exagero se disser que este trabalho só foi possível devido à energia e à força destas pessoas: por isso lhes devo o meu profundo agradecimento. Termino esta etapa com a certeza de que posso e poderei contar com eles para todos os desafios que quero e vou enfrentar na minha vida. Todos eles deram o seu testemunho de fé, com o qual aprendi muito. Por isso todos eles, a seu modo e a diferentes níveis, foram importantes, contudo, mas a todos eles devo a minha sentida gratidão.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	3
RESUMO	7
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	9
1. PADRE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR: BREVE RESUMO BIOGRÁFICO	11
1.1. Os primeiros estudos	12
1.2. Vida de operário	12
1.3. Inquietações diante de um “chamamento”	13
1.4. Américo em África: um “desvio” no caminho?	14
1.5. O “sim” ao “chamamento”	16
1.6. Ao dispor dos mais necessitados	19
1.7. A “Obra da Rua / Casa do Gaiato”: origem e evolução	20
<i>1.7.1. O “ambiente familiar” das “Casas do Gaiato”</i>	22
<i>1.7.2 A “Casa do Gaiato” do Porto: a Obra que cresce...</i>	23
<i>1.7.3 O nascimento do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios</i>	24
<i>1.7.4 O Património dos Pobres</i>	25
<i>1.7.5 O “derradeiro sonho” de Padre Américo</i>	26
1.8 A Obra da Rua após a morte do seu fundador	26
2. A PEDAGOGIA DE PADRE AMÉRICO: INTUIÇÕES E CONCRETIZAÇÕES	29
2.1 A situação do Ensino em Portugal, na primeira metade do século XX: breve contextualização	30
2.2 A Obra da Rua: uma obra de educação e para a educação	32
2.3. Ser educador	36
2.4. Princípios educativos	38
<i>2.4.1. Liberdade</i>	38
<i>2.4.2. Autogoverno</i>	39
<i>2.4.3. Responsabilidade</i>	41
<i>2.4.4. Educação para e pelo trabalho</i>	43
<i>2.4.5. Fator Natureza</i>	43
<i>2.4.6. Aspeto familiar</i>	44
<i>2.4.7. Educação Religiosa</i>	45
2.7. Pedagogia do amor e educação pela confiança	46
2.8. A “rua”: de “periferia” a “campo social” de ação	48
3. A CATEQUESE NA ATUALIDADE. ALGUNS PONTOS ESSENCIAIS	51
3.1. Educação e cultura atual: alguns pressupostos básicos	56

3.2. Aproximação ao contexto atual da catequese	58
3.3. Algumas orientações gerais do Magistério a respeito da Catequese	59
3.3.1. <i>O bispo como primeiro catequista</i>	59
3.3.2. <i>O pároco e a catequese</i>	60
3.3.3. <i>Os catequistas: perfil e missão.....</i>	61
3.3.4. <i>A sempre necessária formação.....</i>	64
3.3.5. <i>A família, espaço da “primeira Catequese”</i>	66
3.4. O pensamento pedagógico de Padre Américo e a catequese atual: intuições e desafios	68
3.5. Algumas propostas em ordem a um novo projeto catequético.....	69
CONCLUSÃO	73
BIBLIOGRAFIA.....	75

RESUMO

Assiste-se, na atualidade, a uma elevada deterioração da vida da fé, nomeadamente no que diz respeito à catequese. Todos os anos, os números de crianças a frequentar as dinâmicas catequéticas das comunidades católicas têm vindo a diminuir. Ao mesmo tempo, as crianças dizem que estão cansadas e “desgastadas” da catequese, acabando por trocar a frequência da catequese por outras atividades consideradas mais relevantes, segundo alguns testemunhos.

Ao longo desta dissertação pretende-se explorar quais as atitudes a adotar e quais os comportamentos a alterar para com as crianças de hoje, de modo que nos seja possível, no futuro próximo, termos jovens presentes e empenhados na vida das nossas comunidades. Para tal, servir-nos-emos de um exemplo pedagógico muito concreto, proposto por Padre Américo Monteiro de Aguiar, fundador da “Obra da Rua”.

Com esta dissertação pretende-se apresentar um novo caminho de reflexão a respeito da catequese, das suas dinâmicas, desafios e potencialidades em ordem ao melhoramento e crescimento da fé dos nossos jovens e comunidades.

Palavras-chave: Padre Américo; pedagogia; renovação; catequese.

ABSTRACT

Currently, we are witnessing a significant decline in the Life of Faith, namely regarding catechesis. Year after year, children attending catechetical activities in Catholic communities have been decreasing. At the same time, children report being tired and full of catechesis ending up, according to some testimonies, exchanging it for activities they consider more relevant. Throughout this dissertation it is intended to explore which are the attitudes to adopt and which are the necessary behaviour changes towards today's children, to make it possible, in the near future, to have young people involved and committed in the life of our communities. To achieve the aforementioned, a very concrete pedagogical example, proposed by Father Américo Monteiro de Aguiar, founder of "Obra da Rua", will be used. With this dissertation it is intended to present a new path of reflection regarding catechesis including its dynamics and the challenges faced for improving and growing young people and faith communities.

Keywords: Father Américo; pedagogy; catechesis.

INTRODUÇÃO

Pode um homem do século passado ajudar a repensar a catequese de hoje? Um dos objetivos do presente trabalho é apresentar alguns argumentos para uma resposta positiva a esta questão.

Padre Américo Monteiro de Aguiar foi, de facto, um grande educador e verdadeiro mestre da pedagogia do século XX. Por isso, foi assumindo a sua inspiração que se tentará mostrar o seu percurso vital, marcado por uma luta constante em prol dos seus “rapazes da rua”. Foi daí que surgiu o seu projeto educativo e, através dele, as grandes “intuições” e “desafios” que, em nosso entender, merecem ser considerados em ordem a uma renovação da catequese atual.

O presente trabalho está, assim, estruturado em três partes. Num primeiro momento procurámos apresentar uma breve biografia de Padre Américo, de forma a contextualizar sumariamente o seu pensamento e ação. Num segundo momento, apresentam-se os conteúdos essenciais do seu projeto educativo, ou seja, aqueles que serão os seus “ensinamentos”, válidos naquela época e que ajudaram tantos jovens a crescer, e que são aqui considerados como igualmente meritórios para o momento presente. Por fim, tentar-se-á concretizar a articulação de tais “ensinamentos” com a catequese na atualidade. Findo este percurso, apresentam-se algumas conclusões acerca desta articulação e que consideramos importantes para a catequese de hoje.

Reconhece-se, não obstante, que, nesta investigação foram várias as tarefas que ficaram por concretizar e que, certamente, permitiriam um outro aprofundamento da análise aqui proposta. Resta, no entanto, a esperança de que, com o trabalho aqui desenvolvido, se possa empreender uma nova perspetiva de análise e compreensão da catequese na atualidade com vista a uma mais eficaz resolução dos problemas e desafios com que os agentes nela envolvidos têm de se confrontar.

1. PADRE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR: BREVE RESUMO BIOGRÁFICO

Américo Monteiro de Aguiar nasceu no dia 23 de outubro de 1887, na Casa do Bairro, freguesia de S. Salvador de Galegos, concelho de Penafiel. Era o mais novo dos oito filhos de Teresa Ferreira, natural da freguesia de Paço de Sousa, e de Ramiro Monteiro de Aguiar, originário da freguesia de Lagares. Os seus pais contraíram matrimónio na Igreja paroquial de Paço de Sousa, no ano de 1873. Foi batizado no dia 4 de novembro de 1887, na Igreja paroquial da sua residência, sendo o pároco de então o Padre António da Rocha Reis, e tendo o seu nome sido uma homenagem ao bispo do Porto, Cardeal D. Américo Ferreira dos Santos Silva (1830-1899).

Aos 3 anos de idade, Américo corre perigo de vida, por motivos de uma pneumonia. Toda a infância foi vivida em sua casa, com a restante família. Foi no regaço destes que, também desde muito cedo, Américo aprendeu a apreciar a beleza da paisagem da sua terra natal, demonstrando um particular afeto por sua mãe:

Que lindo sítio e que linda casa, aquela em que nasci. Por detrás, estende-se uma grande mata cheia de sombra e de pinheiros; à frente correm os prados verdejantes, uns após outros, até se perderem muito longe, na margem dum ribeirito que os limita e lá mais longe ainda, muito ao longe o céu fecha o horizonte pousando no dorso da serra de Luzim! Tão lindo o sítio; tão linda a casa! A afeição que sentia pela sua mãe foi retratada assim: A minha mãezinha, a mulher mais fresca e linda do mundo inteiro [...]. Eu era o mais novito e ia sempre à lareira buscar um mimo que minha mãe me guardava; gostava tanto de ver aquela grande fogueira crepitar por entre as panelas... Todos os dias a mesma fogueira, o mesmo lume, e sempre lume novo! Sempre lume novo! O sonho de uma criança é ser grande, e assim aconteceu com Américo: Quando eu era pequenino, ia ceifar erva nos campos, na companhia de outros irmãos. Ao regressar, em vez de ir diretamente lançar a erva ao palheiro, ficava de cesto à cabeça, a chamar pela mãe que viesse ver. - Olhe o meu cesto como é grande! E esperava até que ela viesse. Ela ajudava-me, sem dar fé.¹

Os seus pais eram pessoas trabalhadoras, dedicados à agricultura, e muito respeitados pelos vizinhos. Contudo, desde muito jovem, Américo começou a demonstrar ter uma personalidade peculiar. Não raras vezes os irmãos ficavam incomodados com as atitudes de Américo, pois achavam que estas tinham apenas o objetivo de ficar bem visto aos olhos de sua mãe. Sabemos isto pelos relatos do próprio, onde nos narra várias destas peripécias: «Quando era pequenino, ia ceifar erva nos campos, na companhia de outros irmãos. Ao regressar a casa, em vez

¹ Padre Manuel Mendes, *Recoleção de Advento dos Padres da Diocese do Porto*, 1ª, 2016. (texto policopiado).

de ir diretamente lançar a erva ao palheiro, ficava de cesto à cabeça, a clamar pela mãe que viesse ver. – Olhe o meu cesto como é grande! E esperava até que ela viesse.»²

Américo foi educado num ambiente cristão, tendo os respetivos princípios sido transmitidos por sua mãe e pela sua catequista: «Aprendeu a doutrina cristã rapidamente, ensinada pela Rosa do Bento, e fez a primeira comunhão na terra natal, procurando sempre conformar a suas ações com a doutrina que aprendeu. Os irmãos chamavam-lhe *o beato*».³ Começa então a despontar um grande amor à Eucaristia e ao Sagrado Coração de Jesus (devoção de especial vitalidade naquele período), amor apenas equiparável ao que mais tarde viria a nutrir pelos seus irmãos mais pobres. É, aliás, esta proximidade cultivada por Américo, desde tenra idade, para com as pessoas mais simples que há de inspirar muitos dos seus textos, marcados também por uma profunda sabedoria popular. Com efeito, anos mais tarde, havemos de reconhecer nesses textos o perfil de um homem preocupado com os mais simples, muito atento e perspicaz, mas principalmente preocupado com a evangelização do povo: «Oh, que ninguém roube a fé do nosso povo, sem antes haver arranjado coisa que a possa substituir!»⁴

1.1. Os primeiros estudos

Os primeiros passos da vida escolar de Américo foram dados na sua terra natal e, depois, em Felgueiras. Desde muito cedo que revelou grandes aptidões para o estudo. No ano de 1894, inicia os seus estudos na Escola Régia de Galegos, tendo por mestre Joaquim da Silva Pinto que, além lhe ter ensinado a ler e a conhecer as primeiras letras, também foi um modelo e inspirador do que é (deve ser) o papel de um verdadeiro educador: «Educar não é ralar nem bater, antes é ensinar».⁵ Em 1897, aos 10 anos de idade, transita para o colégio de Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Penafiel. Foi nesta mesma escola que ele «fez o exame de instrução primária (4.^a Classe)».⁶ Dois anos depois, é matriculado no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras.

1.2. Vida de operário

Naquela época, o trabalho era entendido como instrumento educativo, princípio que o próprio Américo haveria, mais tarde, de valorizar e defender: «A maior herança que um de vós

² Mendes, 9.

³ Américo Monteiro de Aguiar, «Facetas de uma vida», *O Gaiato*, 1 de setembro de 1956, 1.

⁴ Américo Monteiro de Aguiar, «Boas notícias», *O Gaiato*, 13 de julho de 1946, 3.

⁵ Américo Monteiro de Aguiar, *Pão dos Pobres*, vol. II (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1959), 151.

⁶ Aguiar, II:151.

pode levar desta casa paterna, é o amor ao trabalho. Não há melhor tesouro. O trabalho enche a nossa vida. Não deixa lugar para os maus pensamentos. Jesus de Nazaré consentia que o chamassem Mestre: “Oh Mestre!”. Era assim que os discípulos diziam. Ora Ele trabalhou. Esta é a nossa lição.»⁷

Esta foi, com efeito, uma lição que Américo aprendeu “por si”. Aos 15 anos, também ele (como muitos rapazes do seu tempo) ingressa no mundo do trabalho, sendo para tal enviado, por ordem de seu pai, para a cidade do Porto. Fazendo uso dos seus conhecimentos, Ramiro arranhou-lhe emprego numa loja de ferragens, na Rua Mouzinho da Silveira, tendo como intuito último preparar Américo para, atingida a maioridade, rumar para África, onde já se encontrava o seu irmão Jaime: «Entre o pai e a mãe e ponderadas as razões pelas quais o pai o contrariava no seu desejo de ser padre, foi então resolvido mandá-lo para o Porto estudar e praticar no comércio, para seguir mais tarde para África, onde já se encontrava o seu irmão Jaime».⁸ Assim, ao trabalho na loja de ferragens, somou-se, a partir de 1905, o Curso Superior de Comércio, no Instituto Industrial e Comercial do Porto. Embora contrariado nas suas mais profundas intenções, Américo não deixou de valorizar e aproveitar da melhor forma as oportunidades que aquela situação lhe significava. Assumindo a sua condição com grande empenho e afinco, sabendo que só pelo seu esforço pessoal haveria de conseguir atingir os seus objetivos, também os seus patrões puderam ver nele um jovem responsável e bastante «competente no trabalho que realizava».⁹

1.3. Inquietações diante de um “chamamento “

Com efeito, Américo vivera, na sua adolescência e primeira juventude, um tempo de especial inquietação; contudo, não tivera a coragem de revelar as suas intenções à família. A única pessoa que sabia desta sua inquietação era a mãe, com quem tinha comentado, certo dia, o sentido profundo de algumas das suas “brincadeiras de criança”. Assim, podemos desde já concluir que desde muito cedo surgiu em Américo o desejo de se tornar sacerdote, tal como nos relata o seu irmão Joaquim:

As brincadeiras preferidas eram aquelas que versavam assuntos religiosos. Uma missa em Igreja improvisada com ramalhos, umas tábuas a servir de altar e ele, com uma opa branca, era o padre. Outras vezes eram procissões religiosas, com verdadeiros andores em

⁷ Américo Monteiro de Aguiar, «De como foi a minha segunda corrida ó dinheiro», *O Gaiato*, 7 de setembro de 1946, 3.

⁸ Aguiar, «Facetas de uma vida», 1 de setembro de 1956, 3.

⁹ Padre Manuel Mendes, *Padre Américo Itinerário Vocacional*, 1ª (Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 2014), 88.

miniatura, que ele fazia em sociedade com outros rapazes do lugar. Figurava sempre de padre nestas brincadeiras. A imagem que frequentemente ia no andor, ainda hoje existe na Casa do Bairro. É um velho marfim que representa Santa Eufrásia. Por tudo isto era alcunhado de *beato* por seus irmãos.¹⁰

Aqui se identifica facilmente a inquietação e o correlativo “chamamento interior” ao sacerdócio. Sua mãe foi a primeira (e durante muito tempo, a única) pessoa com quem Américo confidenciou a sua vontade de um dia vir a ser sacerdote. O seu pai, quando soube das intenções de seu filho, não partilhava da mesma opinião, pois considerava que ele não estava talhado para tal vida: «Desde pequeno, muito pequeno mesmo, que ele confidenciou à Mãe o desejo de ser padre. O Pai contrariou-o sempre, pois supunha que não passava dum simples sonho de criança». ¹¹Não obstante, mesmo durante a sua vida de trabalhador-estudante, Américo nunca perdeu a fé nem deixou de cumprir com os seus deveres católicos. Frequentava a Igreja “dos Grilos”, pertencente ao Seminário Maior do Porto, onde haveria de conhecer o Padre Manuel Luís Coelho da Silva, mais tarde Bispo de Coimbra. Ali nascera, de facto, uma amizade cujos frutos só mais tarde haveriam de despontar, como adiante veremos.

1.4. Américo em África: um “desvio” no caminho?

Cumprindo escrupulosa e obedientemente os planos de seu pai, o jovem Américo é enviado, aos 19 anos de idade, para África. Com a naturalidade e sentido de humor que logo lhe haveriam de reconhecer, é o próprio a dizer: «Eu gosto do mar. Não é por ser marinheiro; é o Infinito!». ¹²

Aquela sua época estava, de facto, marcada por uma intensa atividade migratória, a que se somava um semelhante movimento missionário. Exemplo disso era a presença franciscana em África, fator que veio a revelar-se ponto fundamental na vida de Américo: «Em 1898 iniciou-se a já centenária presença franciscana em Moçambique, a qual veio a marcar Américo de Aguiar no seu itinerário vocacional, como iremos revelar». ¹³

Não dispondo de grandes referências sobre esta fase da vida de Américo, particularmente no que respeita à sua vocação, somos levados a concluir que o jovem acabou por, de certo modo, se resignar à ideia que seu pai tinha elaborado acerca de qual deveria ser o seu futuro. «Desse tempo não há referências à vocação presbiteral de Américo de Aguiar.

¹⁰ Aguiar, «Facetas de uma vida», 1 de setembro de 1956, 3.

¹¹ Américo Monteiro de Aguiar, «Facetas de uma vida», *O Gaiato*, 29 de setembro de 1956, 4.

¹² Mendes, *Padre Américo Itinerário Vocacional*, 88.

¹³ Mendes, 88.

Parece que a decisão paterna de seguir a carreira comercial, foi aceite». ¹⁴ Assim, julgamos ser possível compreender melhor o facto de Américo se ter vindo a revelar um bom funcionário nas várias empresas em que trabalhou neste período, a tal ponto que a sua carreira comercial nunca deixou de progredir positivamente. «Homem cumpridor e honesto, desde o seu ingresso na firma inglesa, ganhava bem. A sua carreira laboral progredia». ¹⁵

Não obstante tais progressos, Américo nunca se esqueceu da educação familiar recebida, esforçando-se mesmo por a manter viva, também no particular da vivência religiosa:

Com a educação religiosa que recebeu na infância e adolescência, Américo de Aguiar interiorizou um dos preceitos da Santa Igreja: participar nas celebrações Eucarísticas dominicais e dos dias santos de guarda. As fontes são unânimes em reconhecer que foi uma criança e um jovem fervoroso na vida sacramental, no arco de tempo que medeia entre Galegos, Felgueiras e o Porto. No começo de 1990, com 21 anos, ainda ajudava à Missa, no Chinde. ¹⁶

De acordo com o testemunho do Padre Manuel Mendes, que aqui seguimos de perto, a resposta de Américo à sua vocação é dada precisamente na realização das suas simples tarefas diárias na empresa em que trabalhava: «Américo de Aguiar era um homem de personalidade forte: líder natural, conquistou êxito profissional e social. Tornou-se notado e querido entre os seus amigos africanistas. Procurava construir uma situação económica que lhe garantisse o futuro. Porém aos 26 anos, foram transparecendo sinais de insatisfação.» ¹⁷

Com efeito, a morte de sua mãe haveria de constituir para Américo um dos momentos mais difíceis da sua vida: «No declinar de 1913, após 7 anos vividos em África, comendo o pão com o suor do seu rosto, deixou de sorrir à vida com a morte da Mãe». ¹⁸ Aqueles foram tempos muito complicados para Américo, verdadeiramente “perdido” com a partida de sua mãe e as enormes distâncias que o separavam dos seus mais próximos. «Eu nunca sei para onde e como vou. Há muitos anos que ando assim perdido. Não admira, pois, que o encontro se tivesse dado». ¹⁹ Não obstante a gravidade da situação, Américo tenta reunir as condições para criar um negócio de frutas tropicais. «De acordo com a missiva, no final de junho de 1923, Américo de Aguiar ainda deu a entender ao amigo Neves o seu interesse por um negócio de frutas tropicais. Há precisamente 5 meses que largara do Cabo com destino à Madeira, onde tencionava estabelecer-se». ²⁰

¹⁴ Mendes, 88.

¹⁵ Mendes, *Padre Américo. Itinerário Vocacional*, 88.

¹⁶ Mendes, 89.

¹⁷ Mendes, 102.

¹⁸ Mendes, 102.

¹⁹ Mendes, 103.

²⁰ Mendes, 150.

Contudo, Américo não chegou a concretizar este seu projeto. Não obstante este “falhanço” na sua carreira comercial, aqueles não deixariam de ser tempos proveitosos. Foi então que se deu o seu encontro com o Padre Rafael Maria da Assunção, um encontro que veio a revelar-se verdadeiramente “providencial”. Será Rafael da Assunção que, através dos encontros e da amizade que o unirá ao jovem Américo, o há de despertar «para o caminho da Luz».²¹ É nestes termos que o próprio Padre Rafael nos descreve como se iniciou essa tão frutífera e longa amizade:

Conheci o Padre Américo anos antes de ele estar a pensar em ser padre: foi na cidade da Beira, em Moçambique. Não tinha ainda estalado a Guerra de 1914 quando chegou a este porto com um vapor fretado pela firma Rosa Cabral para um carregamento de milho destinado à Europa. Foram milhares de sacos.

Preso ao vapor, cujo desembarço alfandegário corria por sua conta, não dispôs, na altura, de tempo para uma visita à escola de Artes e Ofícios, que admirou ao passar-lhe pela frente, quando num passeio de trole, levou o comandante do vapor a ver a Beira, que não conhecia.

Os nossos encontros eram sumários e de ocasião, mas desde então ficámos amigos para sempre.²²

É certo que, de acordo com Moreira das Neves, Padre Américo haveria de dizer, muitos anos depois, que aqueles tempos passados em África foram “anos perdidos”²³; mas o “sentido profundo” desta expressão só se nos relevará mais tarde. O que é certo dizer-se é que aqueles foram, de facto, tempo de muitas aprendizagens, como nos é descrito por D. Manuel de Almeida Trindade: «Quem havia de dizer que um homem que lidou com as chagas sociais mais fétidas e purulentas tenha conseguido aliar ao realismo das situações descritas e choradas um optimismo poético! Um Optimismo poético que encontra a sua fonte no próprio facto da criação- “E viu Deus que era bom... que era tudo muito bom (Génesis, 1, 31)”».²⁴

1.5. O “sim” ao “chamamento”

É assim que, no ano de 1923, Américo procura ajuda nos franciscanos, dizendo-se apaixonado pela figura do «Pobrezinho de Assis».²⁵ Ingressa então no convento Franciscano de

²¹ Mendes, 161.

²² Mendes, 103.

²³ Cfr. Moreira das NEVES, *O Padre Américo*, Col. «Homens de Deus» 9 (Lisboa: Edições Paulistas, 1987), 30.

²⁴ D. Manuel de Almeida Trindade. *Pessoas e Acontecimentos* (Ed. da Diocese de Aveiro: impr. Gráfica de Coimbra, Coimbra), 1987, 39.

²⁵ Padre Manuel Mendes, *Súmula Biográfica do Padre Américo*, 1ª ed. (Porto, 2016), 13.

Vilariño de la Ramallosa, na Galiza, e chega a tomar o hábito de noviço. Depois, recebe o hábito de monge e fica «com o nome de Frei Américo de Santa Teresa»; contudo, apenas um ano depois, é convidado a sair do mosteiro, «pois não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista».²⁶

Após a sua saída dos franciscanos, tentará ingressar no Seminário do Porto, onde também não foi aceite uma vez que «o Prelado da Diocese, Dom António Barbosa Leão, dada já a sua idade, não lho consentiu: estava ainda na memória daquele Bispo o caso de uma “vocação tardia” que não tinha dado bons resultados».²⁷ Acabou por ingressar no Seminário Episcopal de Coimbra, tendo sido aceite pelo bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva (seu “velho” amigo dos tempos de trabalhador-estudante no Porto), quando estava quase a completar 38 anos de idade.²⁸

Fez então o percurso normal para um aluno de teologia, não obstante alguns percalços experimentados neste seu novo caminho..²⁹ Um exemplo foi ao nível do «canto gregoriano».³⁰ Apesar disso, nada conseguiu impedi-lo de realizar a sua vontade, uma determinação e devoção reconhecidas também pelos seus colegas e professores, que já naquela altura vislumbravam nele «a sua caridade e o seu amor à Eucaristia e à oração».³¹ Em todo o seu percurso, Américo sempre foi muito participativo na vida do Seminário, tendo chegado a fazer parte da revista *Lume Novo*, promovida pelos respetivos alunos. Foi neste tempo de colaboração ativa, com a escrita de pequenos textos para a dita revista, que os seus pares foram conhecendo o seu pensamento e escrita peculiares.

Assim, entre os seus escritos e as naturais tribulações estudantis, chegamos ao ano de 1928, no qual Américo «comprometeu-se por livre decisão com os votos de pobreza e de obediência, prestados ao bispo».³² Foi depois ordenado diácono, no dia 7 de abril de 1929, pelo bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva e, uns meses depois, ordenado sacerdote. «Também no ministério ordenado, a sua génese e razão última vem de Deus que, numa iniciativa livre e gratuita, chama por meio de Jesus no dom do Espírito que capacita para a missão»³³, tendo a sua ordenação decorrido na capela do referido Seminário Episcopal de Coimbra.

²⁶ Mendes, 13.

²⁷ Maria Manuela Lopes Cardoso, *Américo Monteiro de Aguiar Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas e um projeto pedagógico* (Lisboa: Chaves Ferreira, 2007), 98.

²⁸ Cfr. Mendes, *Súmula Biográfica do Padre Américo*, 15.

²⁹ «Na idade em que começou os estudos eclesiásticos, é natural que tivessem surgido dificuldades; mas, foi-se esforçando para cumprir o que lhe era possível». - Cardoso, *Américo Monteiro de Aguiar Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas e um projeto pedagógico*, 202.

³⁰ Mendes, *Súmula Biográfica do Padre Américo*, 15.

³¹ Mendes, 15.

³² Mendes, 17.

³³ Mendes, *Padre Américo Itinerário Vocacional*, 217.

Sempre foi evidente a gratidão de Américo para com o bispo que o acolheu no Seminário de Coimbra, a quem se dirige com as seguintes palavras: «Deu-me Ordens Sacras, fez-me sacerdote: o maior de todos os títulos, para a maior de todas as gratidões».³⁴ Após a sua ordenação, é nomeado para professor de português na instituição. Em tudo o que fazia, e sobretudo no seu ministério, Padre Américo tinha presente o espírito franciscano: «Sinto desejos de ser Francisco de Assis, para abraçar este espaço imenso de luz e de vida, desprendida como o Pobrezinho, de tudo quanto posso ligar a gente às ninharias do mundo».³⁵ Américo revelava-se assim um homem e um padre diferente de muitos da sua época: era sempre a pessoa que sofre a ocupar o primeiro lugar das suas preocupações. Apesar de reconhecermos aqui uma forte inspiração de Francisco de Assis, logo nos damos conta de que esta sua atitude e amor especiais para com as pessoas sofredoras tinha-se já convertido em algo muito específico da sua personalidade peculiar.

Após a sua nomeação como professor e prefeito no Seminário de Coimbra, Padre Américo foi igualmente nomeado para outras responsabilidades na diocese. Contudo, faz apenas um pedido ao seu bispo: que lhe seja destinado o serviço dos pobres. Essa «era a sua missão específica».³⁶ A estes devemos juntar as crianças, a sua outra grande paixão: «Toda a criança gosta naturalmente de ser útil, de servir. Quem é que deu a matéria da multiplicação dos pães? Uma criança».³⁷ O prelado acede ao pedido de Padre Américo, entregando-lhe a orientação da “Sopa dos Pobres” de Coimbra. Padre Américo irá escrever a este respeito no seu livro *Pão dos Pobres*:

A sopa dos pobres, criação do senhor D. Manuel Luiz Coelho da Silva, foi inaugurada por ele no dia 19 de março de 1932. Nesta data andava eu enfermo e, como não pudesse trabalhar, roguei ao então prelado que me deixasse ao menos visitar os Pobres e cuidar da sopa deles, serviço este compatível com as minhas dores de cabeça de então.³⁸

Tendo como principal objetivo ajudar as pessoas que têm mais necessidades, foi aquele o espaço propício onde Padre Américo aprendeu «a ler a realidade e a implicar-se nela»³⁹, sempre inspirado pela figura de Francisco de Assis. Porém, não é apenas a personalidade deste santo que ajuda a compreender o pensamento e atitude de Padre Américo em relação aos pobres: ele próprio viveu essa experiência de pobreza, sobretudo em África, nesse canto do mundo onde

³⁴ Mendes, *Súmula Biográfica do Padre Américo*, 19.

³⁵ Mendes, 19.

³⁶ Mendes, *Padre Américo Itinerário Vocacional*, 253.

³⁷ Mendes, 53.

³⁸ Américo Monteiro de Aguiar, *Pão dos Pobres*, vol. I (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1958), 1.

³⁹ Cardoso, *Américo Monteiro de Aguiar Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas e um projeto pedagógico*, 104.

estabeleceu «contactos com outras culturas e lhe deu a conhecer, efetivamente, a Pobreza e a Marginalização».⁴⁰

1.6. Ao dispor dos mais necessitados

Após a ordenação presbiteral e a breve missão como prefeito do Seminário de Coimbra e professor de Português, Américo oferece todo o seu tempo às pessoas mais necessitadas e ao serviço dos mais pobres. À imagem de S. Vicente de Paulo (outro dos santos da sua especial devoção), Padre Américo vislumbrava o rosto de Cristo nas pessoas que sofriam e que se encontravam em situações mais frágeis. «Graças à identificação com Cristo crucificado, foi encontrando o valor da dor no mundo redimido pela cruz de Cristo».⁴¹ Define-se assim uma vida de entrega total aos outros, sobretudo àqueles que sofrem e estão particularmente desesperados.

À orientação da “Sopa dos Pobres”, e não obstante a sua parca saúde, Padre Américo soma o pedido ao seu prelado para que o deixasse visitar os doentes e os reclusos da cidade: «O operário chamado em dor, para cuidar dos aflitos, entregou-se em pleno e com entusiasmo a visitar os Pobres, os Doentes e os Reclusos, com licença do seu Prelado, como pregoeiro da doutrina dos Apóstolos...».⁴² Torna-se, assim, «um humilde ouvinte das queixas do Pobre»⁴³, dispensado de todas as demais funções (era já um exímio e reconhecido pregador): «Doente como então era, o meu Prelado havia-me dispensado de todas as obrigações, tendo eu tomado esta de visitar Pobres, por não servir para mais nada».⁴⁴ Solícito, humilde, sempre inspirado pela radicalidade da mensagem do Evangelho, Padre Américo tinha uma noção muito clara da sua missão:

A hora em que hoje tiro da cabeça um piolho ocasional apanhado à beira dos catres, é para mim muitíssimo mais alegre do que foi a vida da minha mocidade inteira, passada nas delícias do paraíso terreal! Faço esta revelação, não para que me vejas, mas sim para ser visto; e para destruir os teus receios e dar-te a certeza.⁴⁵

⁴⁰ Cardoso, 104.

⁴¹ Mendes, *Padre Américo Itinerário Vocacional*, 251.

⁴² Mendes, 252.

⁴³ Mendes, 253.

⁴⁴ Mendes, 253.

⁴⁵ Mendes, 254.

1.7. A “Obra da Rua / Casa do Gaiato”: origem e evolução

Foi no ambiente do seu trabalho em prol dos mais necessitados – um trabalho deveras complicado, mormente nas ruas da cidade de Coimbra, a dar pão aos mais necessitados, a que se juntavam as constantes críticas que Padre Américo se esforçava por ignorar – que lhe surgiu a ideia que haveria de constituir o “grande projeto” e maior legado da sua ação social.

Aquilo que haveriam de ser as “Casas do Gaiato” teve a sua origem remota num dos becos de Coimbra: «Desci o casebre num rufo, sem me apoiar nos ombros do rapaz, nem no corrimão das escadas. O perigo de cair nos degraus, fôra suplantado por outro maior: - salvar a vida a estes seres». ⁴⁶ Os pedidos de ajuda constantes fizeram com que Américo tivesse «uma ideia criadora, fiz-me desde aquela hora um revolucionário – e nunca mais tive paz!». ⁴⁷

Nascida a ideia, faltava o espaço para a sua realização. Tal ira acontecer numa das suas idas a São-Pedro-de-Alva, onde Américo se deslocou para uma pregação. Mediante proposta do prior da freguesia, foi então visitar um edifício que naquela altura servia de escola: O Prior da freguesia, quer que eu vá mais ele visitar o edifício onde instalara uma escola nocturna. Era uma sala rasgada, com dependências anexas. Das amplas janelas, via-se pousar o céu na serra do Caramulo e na Estrela». ⁴⁸

Durante a visita, Américo é assaltado uma vez mais pela ideia, que imediatamente partilha ao Prior. Este, surpreendido, duvidava até do “perfeito juízo” do seu colega: «Não sei que me deu no peito, que o prior quis saber o que eu tinha!». ⁴⁹ Mais tarde, Américo haveria de resumir assim todo esse seu périplo:

Parece que fôra pregar a São-Pedro-de-Alva, mas não; fui cimentar as bases do que depois se chamou e hoje é, colónias de campo do garoto da baixa.

Foi isto no mês de Maio, e no seguimento de Agosto, obra de trinta catraios do tugúrio fizeram ali um estágio de trinta dias, todos de vinte e cinco horas, soletrados com maiúsculas, espumantes de vigor. Seria um rasgo de audácia, se não fôra antes um simples acto de fé. Meti ombros à obra sem dinheiro, sem equipamentos, sem opinião. ⁵⁰

Era uma espécie de consequência natural daquela sua luta diária e constante, também contra o preconceito para com os pobres («Nem eu seria melhor, nem tu, se vivêssemos como

⁴⁶ Américo Monteiro de Aguiar, *Obra da Rua* (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1965), 13.

⁴⁷ Aguiar, 13.

⁴⁸ Aguiar, 13.

⁴⁹ Aguiar, 14.

⁵⁰ Aguiar, 15.

eles vivem»⁵¹), um trabalho que o começara a despertar para uma realidade nova que merecia especial atenção da sua parte:

Os pais aborrecem os filhos. Sei de alguns pequeninos, que se vão oferecer espontâneamente às Tutorias: e sei de outros maiores, que propositadamente furtam, para ficar – tal o espectro da fome!

Não tenho autoridade para arrasar tocas, nem posses para construir Bairros, mas nem por isso fiquei com as mãos nas algibeiras. Quis transplantar o pequeno habitante do tugúrio em terreno adequado, tendo o cuidado de sacudir o torrão na soleira da porta! Quis e fiz. O Amor é mais forte do que a morte.

Comprei uma quinta para eles. Chama-se a Casa de Repouso do Gaiato Pobre.⁵²

Com vista a dar resposta às enormes necessidades sentidas pelas crianças abandonadas que enchiam, naquela época, as ruas de Coimbra, Américo quis proporcionar-lhes um lugar seguro onde pudessem crescer e “dar frutos”. Nascia assim a primeira “Casa do Gaiato”, «sita a dois passos da vila de Miranda do Corvo, adequada ao meu fim».⁵³

Aí, Padre Américo passa a acolher, agora de forma mais permanente (depois da experiência temporária e como que “embrionária” das “Colónias de Férias”), as tais crianças famintas de pão e sedentas de amor. Com efeito, quando Padre Américo lhes perguntava pelos seus familiares mais próximos, a resposta era quase sempre a mesma: «A mãe não está em casa. Pai, não tem».⁵⁴

Esta era uma situação que deixava Padre Américo profundamente revoltado. Ele queria dar algo mais àquelas crianças; dar-lhes pelo menos as condições básicas e essenciais para que eles pudessem crescer dignamente: «Há muito que me doía o coração, de não poder comprar uma quinta que fosse deles, para eles, governada e amparada por eles, para os livrar do tugúrio, em caso de doença».⁵⁵ Américo queria encontrar uma solução definitiva para aqueles pequenos garotos. Ele «não podia sofrer por mais tempo o ouvir, no final das colónias, deixe-me ficar aqui, que a gente em casa passamos fome, - Eu que sabia a verdade toda!».⁵⁶ A sua intenção e vontade era defender estes jovens de todas as injustiças de que eram vítimas:

Transplantar o garoto da rua para terreno adequado, onde ele se possa desenvolver e produzir bons frutos, é defender inocentes. De tantos que tenho visitado no tugúrio, ainda

⁵¹ Aguiar, 43.

⁵² Aguiar, 44.

⁵³ Aguiar, 47.

⁵⁴ Aguiar, 38.

⁵⁵ Aguiar, 39.

⁵⁶ Aguiar, 40.

não toquei um só, que me não fizesse soltar do coração o doloroso aí meu filho, onde tu dormes! É no infortúnio, que eu mais lhes quero.⁵⁷

Assim, resgatadas ao abandono, à delinquência, à fome e à indigência, estas crianças, vendo-se tão bem acolhidas e tratadas, viam nele uma espécie de “outra mãe”. Relatando um episódio de doença registado entre um deles, Padre Américo descreve o companheirismo e entreadjuada entretanto criados: «Chegado que sou à porta, vai uma chusma deles atrás de mim. Vão tristes. São solidários. O amigo está doente».⁵⁸

1.7.1. O “ambiente familiar” das “Casas do Gaiato”

O seu sonho tornou-se, assim, realidade:

A casa do gaiato abriu as portas aos três primeiros garotos, na primeira semana de janeiro de mil novecentos e quarenta, e consta do livro de registos, terem feito ali cura de repouso, até ao fim do ano quarenta e dois deles.

Não é um estranho que se apresenta; é um filho que chega à casa paterna.⁵⁹

Como em qualquer outra casa, também nesta são necessárias regras para garantir a boa convivência. Assim, será necessário dividir as tarefas, para que deste modo os seus habitantes possam gerir uma «casa que é deles para eles». As casas da “Obra da Rua” / “Casas do Gaiato” devem ser verdadeiras famílias em que se educarão os rapazes e se lhes dará a ajuda e as condições necessárias ao seu crescimento, até ao momento em que eles reúnam as condições ou de voltar para as suas famílias ou de constituir, eles mesmos, as suas próprias famílias. É nestes termos que Padre Américo concretiza o ambiente que nelas se vive:

A Casa do gaiato é uma obra eminentemente social e familiar. Não tem pautas, nem estatutos, nem regulamento – nem orçamento.

Os mais crescidos vão roçar mato de manhã cedo, com o almoço numa cesta de vime, e comem quando bem lhes apetece, à maneira dos trabalhadores. Ao meio dia regressam a casa, para jantar; no fim do que atrelam a jumenta ao carro e de novo voltam ao monte a colher o fruto do seu trabalho. A distribuição do mato nos estábulos, mai-la do estrume nas terras é obra das suas mãos. Outros mais pequenos, após a hora da escola tomam a merenda nas algibeiras e vão às pinhas e à lenha morta, pelos montes fora. Sobem acima dos

⁵⁷ Aguiar, 42 a 43.

⁵⁸ Aguiar, 38.

⁵⁹ Aguiar, 49.

pinheiros, colhem amoras no caminho e trazem na mão ramos de flores, que os mais miúdos colocam nas jarras, segundo o seu gosto e arte.⁶⁰

Como facilmente se constata, nas Casas do Gaiato todos tinham tarefas próprias, contribuindo, desse modo, para o bom funcionamento de toda a casa; a única exceção eram os mais pequeninos, particularmente acompanhados por “aias” que os ajudavam a vestir, tratavam da sua higiene e zelavam por eles. E era assim que, num espírito de entreajuda intergeracional, que a educação e formação aconteciam, primordialmente através do exemplo (dos mais velhos) do que por mero cumprimento de ordens ou “regulamentos”.

1.7.2 A “Casa do Gaiato” do Porto: a Obra que cresce...

O número de crianças e jovens que apareciam a necessitar de auxílio manifestava, à época, um crescimento constante, situação que obrigou Padre Américo a procurar soluções: «Os pedidos de admissão afluíam e da mesma sorte o vadiozito apresentava-se por si mesmo, a pedir que o deixassem entrar».⁶¹

Com efeito,

A casa de Miranda é um pequeno bloco de três hectares, o que necessariamente limita o número da comunidade infantil; daí a necessidade de procurar novas paragens e acudir ao maior dos males do nosso tempo.

O objetivo da minha paixão é dar uma pátria aos estrangeiros que vivem nela; dar uma lei aos deles que vivem à margem da lei; marcar lugar e pôr a mesa aos que vivem sem trabalhar. Dentro da mesma paixão encontrei o seu equilíbrio; se gratuitamente me fora dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar, porquanto, àqueles a quem muito se dá muito se pede.⁶²

Eram muitos e sempre cada vez mais os pedidos de socorro, mas a casa que até agora tinha conseguido ser acolhedora para aqueles rapazes, não tinha mais espaço suficiente para receber tantas outras crianças necessitadas de apoio. Começa, então, a surgir a ideia de encontrar um espaço maior, no qual fosse possível proporcionar todas as condições necessárias ao salutar crescimento e desenvolvimento de tão grande número de crianças necessitadas. Em vez de uma casa, pensa-se agora numa quinta.

⁶⁰ Aguiar, 53 a 55.

⁶¹ Aguiar, 87.

⁶² Aguiar, 88 a 90.

Padre Américo orienta a sua pesquisa para a cidade e região do Porto. Foi, de facto, nos seus arredores que encontrou o local perfeito para construir aí o seu projeto, tendo como referência os princípios e modelo da casa de Miranda do Corvo.

Apareceu-nos a antiga cerca dos Monges Benedictinos de Paço de Sousa, a uns 30 quilómetros da cidade do Porto. Não a procurei. Estava ela de queda à minha espera!

Um incêndio havido anos antes, levou os que ao tempo ali habitavam, a outras paragens. O musgo, as silvas, os morcegos, o abandono – estavam ali.⁶³

Uma sentença declarou que a casa não seria património do Estado, permitindo assim que, em 1943, Padre Américo tomasse conta da quinta. Alguns dias depois, começam as demolições e, a breve trecho, chegam, vindos de Miranda do Corvo, «três pioneiros da Obra». Mais tarde, e ainda com as obras a decorrer, compram uma vaca e outros animais domésticos, bem como alguns bens essenciais de primeira necessidade. No verão chegam ainda mais obreiros, que ajudam no cultivo da quinta, permitindo a compra de mais animais, sementes e algumas alfaias para o cultivo da terra.

Os rapazes deliram com a vida a germinar. Dizem coisas aos frutos pendentes. Falam ao gado nos pastos. Lavam os calos das mãos, em grandes bicas de água, antes de entrar no refeitório. Sente-se uma pequena colónia de pequeninos trabalhadores organizados, com as horas ocupadas na vida de campo, de escolas, de oficinas – horas para tudo.⁶⁴

Assim dava os seus primeiros passos aquilo que hoje constitui a “Casa Mãe” da Obra da Rua, a “Aldeia dos Rapazes” de Paço de Sousa.

1.7.3 O nascimento do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios

Sempre atento aos dinamismos e necessidades daqueles a quem tinha entregado toda a sua vida e dedicação, Padre Américo não deixou de procurar as melhores respostas sociais aos problemas com que se ia deparando. Um desses casos diz respeito ao problema daqueles jovens que, após terem sido colocados nos reformatórios, são deles expulsos, por terem atingido o limite de idade, e assim são lançados novamente para a rua, sem que se atenda ao necessário acompanhamento nesta tão drástica transição:

Existe um problema muito sério na vida dos habitantes do reformatório; é colocá-los na sociedade depois de reformados.

⁶³ Aguiar, 92.

⁶⁴ Aguiar, 94.

O rapaz regressa ao seu meio com exigências que antes não tinha e segredos íntimos de que nunca dera conta; são os dezoito anos em flor. É vidro melindroso que facilmente quebra.

A sociedade não compreende, nem está preparada para o receber. Da mesma sorte, o pupilo não está preparado para a sociedade e é justamente por falta de compreensão de ambas as partes, que estes pobres rapazes vão malhar, por vezes, nas prisões, conduzidos pela mão solícita da polícia, que desfaz num instante o que levou anos a fazer.⁶⁵

Assim, a um de janeiro de 1940, Padre Américo abriu as portas do Lar do ex-pupilo dos Reformatórios. Começou com poucos jovens – «cinco Rapazes do Refúgio de Coimbra»⁶⁶ –, mas no final do mesmo ano, «pelo livro de registos, [refere] terem passado por ele vinte e quatro pupilos».⁶⁷ Também ali valiam as regras e princípios das Casas do Gaiato, com as crianças a adaptarem-se rapidamente e a colaborar nas tarefas da casa: «O cozinheiro, que é um rapaz do reformatório, ocupa dentro do Lar um posto de muita responsabilidade, da qual está absolutamente apercebido – e cumpre».⁶⁸

1.7.4 O Património dos Pobres

Américo disse que a sua obra «foge às regras. Ultrapassa, transcende. São os caminhos do infinito! Há muito, que nós perdemos o uso da razão.... Deus é admirável nas suas obras».⁶⁹ Esta frase levou-o a pensar mais uma vez nos pobres e criou o Património dos Pobres, ou seja, um projeto que visava a construção de casas para os pobres, de «Norte ao sul do país»⁷⁰, através de uma metodologia de auto-construção (cada freguesia/comunidade construiria as habitações necessárias de acordo com as respetivas possibilidades).

Porém a casa património dos pobres é outra. Começaram a ergue-se na paróquia do Carvalhido, com a estrutura fisionomia que lhe são próprias; casas individuais, ou quando muito, gémeas. Sabemos de outros sítios dentro da mesma cidade, aonde se estão esboçando idênticos empreendimentos, de tal modo que devemos esperar ver a capital de norte muito enriquecida. Enriquecida, sim. Digo bem. Não há nada que fale tão alto da prosperidade de um povo, como isto de cada um ter com que se remedia. Ora a casa é o remédio.⁷¹

⁶⁵ Aguiar, 72.

⁶⁶ Aguiar, 73.

⁶⁷ Aguiar, 73.

⁶⁸ Aguiar, 75.

⁶⁹ José F. Coelho Ferreira, *Padre Américo Vida e Obra*, 3ª (Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 2007), 88.

⁷⁰ Ferreira, *Padre Américo*, 88.

⁷¹ Américo Monteiro de Aguiar, *Ovo de Colombo* (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1954), 97 a 98.

As colónias situam-se em: Azurara (Vila do Conde), para os Gaiatos de Paço de Sousa; Mira (Aveiro), para os de Miranda do Corvo; Portinho da Arrábida, para os de Setúbal; Sintra (Cabril, Quinta Monte dos Ciprestes), para os de Lisboa.⁷²

1.7.5 O “derradeiro sonho” de Padre Américo

«[...] quando o homem sonha aquilo que Deus quer, a obra nasce»⁷³: parafraseando o poeta, esta é uma ideia que se aplica totalmente à última obra realizada por Américo: «Foi assim com o Calvário»⁷⁴.

Ora os Calvários são o sítio onde os homens podem amar o seu semelhante como a si mesmos. Estamos em frente de uma empresa onde o dinheiro é preciso. Muito dinheiro. Milhares... Mas isso não pode ser obstáculo. Nem para a construção nem para a manutenção de centenas de doentes. Nada disto é objecto de receio ou de dúvidas. Os obreiros do Evangelho não põem a questão. Eles têm de caminhar sobre as ondas, ainda quando as tempestades se formem no espírito dos homens que são as mais difíceis de acalmar. Não podem por um momento confessar medo. Não podem duvidar. Uma vez que sentem a urgência da Obra e ouvem a palavra do Mestre, fecham os olhos, mergulham e realizam o impossível. Eis.⁷⁵

Américo sonhou, lançou os alicerces, começou a desbravar caminhos: o Calvário destina-se àqueles que «Homens doentes, mas que hão-de ajudar e confortar os vindouros, porventura mais inválidos do que eles»⁷⁶, numa aplicação radical dos princípios da entreatajuda e da subsidiariedade. De um espigueiro fez-se uma capela⁷⁷) e, de uma velha quinta em ruínas nasceu uma «obra de doentes e por doentes», uns mais outros menos “válidos”, mas todos disponíveis para, em conjunto e na medida das suas capacidades, «acolher os que de tudo carecem».⁷⁸

1.8 A Obra da Rua após a morte do seu fundador

Após a morte de Padre Américo, a Obra da Rua continuou a realizar o trabalho por ele começado⁷⁹, quer na evangelização quer na prestação de cuidados aos mais pobres da

⁷² Ferreira, *Padre Américo Vida e Obra*, 75.

⁷³ Padre Baptista, *O Calvário* (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1978), p.15.

⁷⁴ Baptista, 15.

⁷⁵ Baptista, 8; Baptista, 11.

⁷⁶ Baptista, *O Calvário*, 16.

⁷⁷ Baptista, 17.

⁷⁸ Baptista, 20.

⁷⁹ «A Obra da Rua continua viva depois da morte do seu fundador». - Américo Monteiro de Aguiar, *Normas de Vida dos «Padres da Rua»* (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 2016), 8.

sociedade. Aos sacerdotes que queiram trabalhar nesta obra são indicadas as normas que o seu fundador, inspirado na Sagrada Escritura, deixou assim vertidas:

Os sacerdotes que trabalham na “Obra da Rua” orientam-se por alguns princípios: antes de mais, por aqueles que se encontram consignados nas páginas do Evangelho e os que a sabedoria da Igreja daqueles deduziu.

Dada, porém, a sua missão específica, regem-se também, no exercício desta, por normas que foram colhidas no contacto pessoal e na meditação dos escritos do Fundador, tendo muitas dessas normas a própria redação literal dele.⁸⁰

Tal fidelidade ao exemplo e propósitos do seu fundador levou os Padres da Rua a, pouco depois da morte de Padre Américo, “lançarem as redes” da Obra em África, onde aquele havia vivido sensivelmente 18 anos e deixado muitos contactos. Com efeito, Américo havia visitado África em 1952, já com o intuito de, futuramente, ali abrir uma das suas Casas. Contudo,

Só em 1960, quatro anos após a sua morte foi possível a Padre Carlos e Padre Horácio, irem ao continente africano «rever os nossos que entretanto aí se tinham fixado; e procurar colocações para muitos que se vão criando».

Em 1962, nova viagem a Angola para escolher a localização.⁸¹

A inauguração da Casa do Gaiato de Benguela ocorreu a 5 de janeiro de 1964, dia em que, em Malanje (Angola), se benzeu a primeira pedra; em 5 de novembro de 1967 chegaria a hora de Lourenço Marques (atual Maputo, Moçambique) ver nascer a sua Casa do Gaiato, dando-se assim início a uma presença e ação social e pedagógica cuja história ainda está por concretizar. A 12 de dezembro de 2019, o Papa Francisco aprovou o decreto que «reconhece as virtudes heroicas do Padre Américo», um dos grandes passos no caminho para a sua beatificação, certamente desejada por muitos que, de alguma forma, se sentem “tocados” pelo seu testemunho cristão.

⁸⁰ Aguiar, 9.

⁸¹ Ferreira, *Padre Américo Vida e Obra*, 101.

2. A PEDAGOGIA DE PADRE AMÉRICO: INTUIÇÕES E CONCRETIZAÇÕES

«Certa classe de gente não tem educação, não a dá aos filhos, nem consente que lha dêem. Estes filhos são amanhã inimigos dos pais, da ordem, das leis, da autoridade, dos homens, de Deus.»⁸² Analisada brevemente a biografia de Padre Américo, talvez possamos resumir que foi com a mentalidade a que aponta esta breve citação que ele pautou a sua vida e o seu pensamento. Assim cresceu e assim lutou por aquilo que queria ser, mesmo sendo contrariado pelo seu pai. Tornando-se sacerdote dedicado inteiramente ao serviço dos mais fracos, lutou contra toda a espécie de dificuldades e adversidades, não só contra as que eram impostas pela sociedade da altura, mas sobretudo contra as que iam aparecendo no processo de realização da sua Obra. Nas primeiras páginas deste nosso estudo apresentámos brevemente o Homem e a obra que nos legou. Um Homem que foi capaz de, parafraseando o poeta, fazer das pedras do seu caminho verdadeiros castelos para os seus gaiatos: era precisamente nas críticas que ouvia que encontrava a força para continuar a lutar, certo de que era justo e correto o seu caminho. Através desse seu testemunho, feito de palavras e gestos, fez daqueles seus gaiatos homens prontos para lutar e vencer na sociedade. A sua pedagogia foi, assim, exemplar na formação (e mesmo transformação) da mentalidade daquela época.

Neste segundo capítulo, iremos abordar, precisamente, a dimensão pedagógica do pensamento e ação de Padre Américo. Num primeiro momento, apresentaremos um breve ponto de situação a respeito daquele que era o “grande problema” da educação em Portugal na primeira metade do século XX. Aquele foi um período deveras complexo e atribulado, marcado não só por uma elevada taxa de analfabetismo, mas também pela grande necessidade de mão de obra que fazia com que o ensino escolar tivesse uma vocação de ordem prática para a maior parte dos jovens daquela época. Neste sentido, a sociedade de então considerava a escola como um bem utilitário que iria formar jovens para o mundo do trabalho, uma perspectiva que tinha consequências que devidamente analisaremos. Em seguida, analisar-se-á a questão da educação no que diz respeito à Obra da Rua e ao respetivo projeto educativo implementado pelo seu fundador. Padre Américo sempre teve um cuidado redobrado com a questão da educação dos seus gaiatos. Para ele, a educação (escolar) era um pilar essencial na vida daqueles rapazes. Contudo, de acordo com a sua perspectiva, ela não se confinava apenas ao que eles podiam aprender na escola, mas alargava-se também por todas as tarefas que os mesmos poderiam realizar em casa. Ser educador, então e como sempre, era tarefa deveras complicada, e muito particularmente quando se tratava de (tentar) educar jovens que eram desprezados pela sociedade e pelas próprias famílias. Por isso é que também a pedagogia foi sofrendo alterações

⁸² Aguiar, *Pão dos Pobres*, 1959, II:141.

ao longo do tempo. Não obstante, Padre Américo via a pedagogia como algo que devia ser de interiorização: ele fazia reger a sua proposta pedagógica por um conjunto de princípios educativos que considerava de especial importância. Ora, serão esses princípios educativos que, num terceiro momento da nossa análise, serão articulados com a própria pedagogia aplicada na catequese atual.

Com efeito, é de todos conhecido o decréscimo do número de adolescentes e jovens a frequentar a catequese, evolução que é comumente explicada por variados fatores. Quando questionamos os próprios jovens pelas razões da sua não-frequência/abandono, ora dizem que o problema está na própria “dinâmica” dos encontros (muitos “textos e palavreado”, mas “pouca atividade”, “uma seca”, portanto), ora apontam às debilidades (formativas, pedagógicas ou mesmo humanas) do/a catequista. No entanto, cumpre questionar: de quem será a responsabilidade? Dos jovens, ou dos/as catequistas? De ambos? Ou de outros agentes que aqui também devemos incluir nesta reflexão? O que sabemos hoje é que Padre Américo foi um homem que viveu muito “à frente” do seu tempo: soube não só identificar as dificuldades, mas sobretudo encontrar os meios e reinventar os métodos para as combater. Assim, é nosso intuito perceber até que ponto é que as suas intuições, plasmadas nos princípios educativos que aplicou nas suas Casas e Lares do Gaiato, nos poderão ajudar a resolver alguns dos problemas da catequese atual.

2.1 A situação do Ensino em Portugal, na primeira metade do século XX: breve contextualização

O analfabetismo era, naquele período, um dos mais graves (senão mesmo o mais grave) dos problemas no que diz respeito à educação que as autoridades governamentais (e não só) se viam na obrigação de enfrentar:

Apesar das várias reformas educativas e da aplicação de alguns meios para o País sair do atraso cultural em que se encontrava (séculos XIX-XX), os graves problemas foram sempre os das taxas de analfabetismo, a falta de uma rede escolar, uma deficiente preparação científico-pedagógica e uma mísera situação económica dos professores ao longo dos tempos.⁸³

⁸³ Ernesto Candeias Martins, AMOR, MEDITAÇÃO e ACÇÃO/ Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar (Coimbra: Palimage, 2009), 41.

Os responsáveis políticos tentaram⁸⁴, de diversas formas, fazer com que a escola fosse encarada como um bem maior, mas nenhuma estratégia nem ação política foi capaz de eliminar a elevada taxa de analfabetismo que então se registava.. A sociedade daquela época tinha um olhar utilitarista em relação ao ensino, defendendo que os conteúdos ministrados na escola deveriam ter sempre uma vertente prática que permitisse uma integração mais fácil dos jovens no mercado de trabalho. Esta ideia entroncava perfeitamente no *taylorismo*, surgido na década de 1920, no qual se realçava «a importância da organização do trabalho na formação e integração dos deficientes ou mutilados da guerra».⁸⁵ Embora considerassem importante valorizar o ensino técnico, não existiam formadores nem escolas adaptadas a todo este novo “regime” educativo, pois além da falta de condições, ele levantava um outro problema de ordem económica:

O ensino técnico enfermava por falta de escolas adaptadas às novas condições de trabalho e às necessidades de produção, falta de orientação profissional e de aspectos relacionados com o trabalho. Toda esta desadequação da escola ao trabalho se agrava com a distribuição das verbas à educação, que eram escassas para as necessidades de prefiguração dum modelo de sociedade tecnocrática sob princípios tayloristas.⁸⁶

Pretendia-se que o ensino tivesse uma vertente prática e que fosse de aplicação imediata, pois assim seria mais fácil entrar no mercado de trabalho e na vida laboral. No entanto, não foi possível realizar plenamente esta ideologia. Dado que a política relativa à educação, entre 1928 e 1936, não era muito clara, as autoridades políticas do Estado Novo consideraram necessário intervir de forma especial neste âmbito. «No período 1928-1936, a política educativa demonstrou falta de clareza. Foi uma fase caracterizada pela regeneração político-educativa e assistencial, numa tentativa de legitimação da nova ordem.»⁸⁷ Assim, assume-se como principal objetivo acabar com o analfabetismo existente no País. «O governo de Salazar combateu o analfabetismo com o Plano de Educação Popular e a Campanha Nacional de Educação de Adultos (1951-1956), de teor humanista, mas, na prática, não teve os resultados desejados».⁸⁸ Apesar de o analfabetismo ser uma realidade muito presente naquela época, não era um fator determinante nas escolhas profissionais dado que, naquela altura, não era estritamente

⁸⁴ «Os republicanos promulgaram a reforma de instrução primária (Decreto de 19/03/1911), dividindo-a em infantil (dos 4 aos 7 anos), e primária, compreendendo esta três graus (elementar, complementar e superior).» - Martins, 41.

⁸⁵ Martins, 42.

⁸⁶ Martins, 42.

⁸⁷ Martins, 43.

⁸⁸ Martins, 46.

necessário ser-se possuidor de um grande nível de escolaridade para se alcançar grande parte dos empregos disponíveis.⁸⁹

Assim, podemos concluir que, durante o Estado Novo, não ocorreram grandes alterações relativamente às condições socioeducativas:

O panorama pedagógico ao longo do Estado Novo, pouco ou nada se altera para melhorar as condições socioeducativas dos escolares, principalmente ao nível da escola primária que devia ter a missão fundamental de educar o povo e ser agente de desenvolvimento integral das capacidades das crianças. Não funcionou em termos psicopedagógicos. Deste modo o absentismo, o insucesso e a inadaptação escolar assolavam na população escolar da época, o que obrigava as famílias, face à situação económica em que viviam, a lançarem no trabalho infantil, nas explorações familiares, na marginalização e delinquência muitos dos seus jovens. As políticas educativas seguidas não se destinaram a dotar a população da capacidade de ler e escrever, não tendo o Estado nem meios organizacionais e financeiros, nem interesse para realizar a alfabetização.⁹⁰

2.2 A Obra da Rua: uma obra de educação e para a educação

Na breve história que apresentámos sobre a Obra da Rua e do seu respetivo fundador, compreendemos que este projeto é-nos apresentado com duas finalidades muito importantes para a sua época, «assistência e educação»⁹¹, uma vez que a população daquele período vivia, na maioria das vezes, em míseras condições e se registava a ausência de estruturas e estratégias capazes de resolver os problemas educativos existentes. Assim sendo, «a Obra da Rua é antes de tudo a casa dos que nunca tiveram casa; a família dos que não conheceram família; o trabalho valorizado dos que maldiziam o trabalho».⁹² Esta instituição representa(va) sobretudo um suporte para muitos jovens privados de uma casa, de um verdadeiro lar, de uma família que os acolhesse e no seio dos quais pudessem crescer e desenvolver plenamente as suas capacidades. Por isso:

[A Obra da Rua] É o amor para os que se alimentavam no ódio; é o transformar em homens honrados os que levavam em si o germe da corrupção e restituir à sociedade valores humanos em grave risco de perder-se. Inspira-se, portanto, nos mais elementares princípios

⁸⁹ «De facto, o analfabetismo não incapacitava os portugueses para a vida social e profissional, pois a maioria parte dos empregos disponíveis consistia em trabalhos não qualificados ou em ofícios aprendidos no lugar do trabalho, o que dispensava qualificações literárias na mão-de-obra, pois a condição de analfabeto não afetava os direitos civis, mas sim os direitos políticos». - Martins, 46.

⁹⁰ Martins, 47.

⁹¹ João Evangelista Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica* (Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1996), 67.

⁹² Loureiro, 68.

sociais e cristãos e, como vemos depois, é à luz desses princípios que pretende criar um padrão de virtudes humanas.⁹³

Como já mencionado anteriormente, foram várias as iniciativas levadas a cabo por diferentes entidades no sentido de reverter a grande taxa de analfabetismo no país, também em ordem a uma mais fácil integração dos jovens no mundo do trabalho. Dado que a maior parte da população não frequentava a escola, a sua capacitação para o mundo do trabalho era feita de forma informal e “familiar”, em que os pais instruíam os filhos na “arte” que eles próprios herdaram. Neste quadro, o ensino escolar era pouco valorizado. Assim, quando surge a Casa do Gaiato, uma casa onde os jovens são tratados como família, sendo amados e encorajados pelos seus residentes, tentou-se esbater essa “fronteira mental” entre o mundo das aprendizagens familiares e o do ensino regular. Acolhendo crianças que passavam extremas dificuldades, que não tinham acesso a cuidados básicos e que, por isso mesmo, não conseguiam desenvolver as suas capacidades, é todo um “novo ambiente” que ali se instaura:

Aí a criança abandonada sente o ambiente de casa, de família, a que não falta o calor paternal do “orientador” e das “senhoras” e o afecto dos “irmãos” mais novos ou mais velhos. As necessidades naturais da criança, a que a rua respondia inadequadamente, têm no meio pedagógico das Casas do Gaiato a satisfação total, estimulando ainda novos e variados interesses. Não há artificialismos de espécie alguma; apenas a recondução da criança a fontes de desenvolvimento físico e psíquico adequadas e que a rua não lhe podia ter dado.⁹⁴

No fundo, o grande objetivo da Casa do Gaiato era fornecer àqueles jovens tudo aquilo de que a vida nas ruas os havia privado. Como dizia o seu fundador Padre Américo, a tarefa mais importante de qualquer educador era «acompanhar o rapaz pela vida fora, colocando ao seu alcance as oportunidades»⁹⁵ de que ele precisasse para se tornar num adulto são e feliz. Com efeito, Padre Américo acreditava que, independentemente das histórias de vida e das vivências que aqueles rapazes possam ter tido, todos eles tinham algo de bom para oferecer, defendendo que eles eram não um “problema”, nem um “peso” nem um mero “dado estatístico”, mas antes uma verdadeira fonte de bem e de “riqueza” para a própria sociedade. De facto,

As experiências das “colónias” e os contactos na rua, haviam ensinado Padre Américo que essas crianças, ainda que viciadas, continuam a possuir em germe todo esse caudal de virtualidades que caracteriza a infância. Porque as amava muito, na possibilidade de as

⁹³ Loureiro, 68.

⁹⁴ Loureiro, 71.

⁹⁵ Maria Palmira de Morais Pinto (coord.) Duarte, *A Porta Aberta*, 2.^a (Paço de Sousa: Casa da Gaiato, 1985), 11.

reconduzir ao verdadeiro trilho da sua idade. E indubitavelmente, o seu grande mérito foi nunca se ter esquecido do que elas já eram ao entrar nas casas.⁹⁶

Assim, uma das primeiras preocupações de Padre Américo era saber qual a origem dos jovens que acolhia, pois entendia que esta representava uma marca identitária que exigia ser (re)conhecida e só depois “reconvertida”. Desprezava, por isso, a roupa numerada; em contraposição, valorizava a radical identidade e irrepetível personalidade de cada um daqueles rapazes, valorizando-os por aquilo que eram, conhecendo o melhor possível as suas raízes. Eles poderiam, é certo, continuar a usar roupa rasgada e com remendos; mas era o seu interior que Padre Américo queria “remendar”. As suas palavras são, a este título, bem esclarecedoras:

O Gaiato da Rua! Nada no mundo mais espontâneo nem mais original. Ele é rei. Não governa, impera; não possui, domina. Onde quer que se encontre, o gaiato está no perfeito à vontade de sua casa.

Foge em demanda de ninhos, lança no espaço bolas de sabão e o som estridente de assobios que ele faz, aterra os ouvidos do pobre viandante. Ai!, que se tu conhecesses de perto a beleza descuidada do gaiato, havias de fazer sangue nos pés, a correr atrás dele, somente para lhe poderes chamar teu. Rei por toda a parte.

Apupa os comboios, trepa às camionetas, goza tanto com os noivos no desfile de casamentos.

Para ele asseiam os caixeiros as montras, passam fitas no écran, tocam bandas nos jardins, abrem-se as portas de museus- impera o gaiato.

São para ele a chuva que cai e o sol que brilha. Nas grandes cheias do Mondego, quando toda a gente acode e grita, o gaiato goza basto.

Água pela cinta, como patos a grasnar, é vê-lo tirar do seu formidável engenho, esquadras inteiras de latas de sardinha e lançá-las em linha de combate, muito mais feliz do que os Nelsons, que têm desembarcado vitórias navais em arcos de triunfo- reina o Gaiato.

Foi esta a parte que o Filho do Homem escolheu. Se o Mestre acalentou crianças outrora, é bom discípulo quem agora faz o mesmo, por seu amor.⁹⁷

Neste excerto, Padre Américo sublinha, acima de tudo, a liberdade e jovialidade destes jovens, registando como, apesar das dificuldades experimentadas nas suas dramáticas biografias, eles reaprenderam a valorizar tudo o que lhes foi dado. É neste “espírito” que Padre Américo entende que todo o processo de ensino-educação deve ocorrer. Por isso, não deixa de

⁹⁶ Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 71.

⁹⁷ Aguiar, *Pão dos Pobres*, 1959, II:60 a 61.

«sem tecnicismo de qualquer espécie, com clareza e objetividade que caracterizam os seus escritos, dá normas de conduta aos Padres da Rua e define os princípios fundamentais da Obra da Rua»⁹⁸, num opúsculo intitulado *Do fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros*, publicado em 1950. Atente-se nalguns excertos do mesmo, profundamente elucidativos do que aqui pretendemos ilustrar:

1.º A obra da Rua é o amparo da criança abandonada. Ela prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. Os mais viciosos. A obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar para ser através dos tempos uma palavra nova. Que ninguém jamais deturpe. No dia em que, por desgraça, se viesse a receber a criança como dote por uma que o não tem, se viesse a receber a criança bem comportada por uma que o não é – nesse dia entrava a maldição de Deus no seio da Obra. Era a sua decadência.

2.º O padrão da Obra é a Família; vida familiar. Eis a escola natural da sólida formação do homem. Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão. Não há sistemas. Não há regras. Não há estatutos. Há a intuição.

3.º O uso de castigos corporais, aonde não possa ser totalmente banido, seja escrupulosamente aplicado; vale mais a palavra amiga, conveniente e oportuna.

4.º A justiça é a primeira arma de combate ao vício, às quedas e más inclinações do Rapaz. Ela persuade, encoraja, dá brio, é irmã do Decálogo. Por isso, o que preside tem de se munir desta arma para todos os casos, ainda os mais insignificantes, sabendo que, quanto mais tenra for a idade, mais vivo é na criança o sentido de justiça.

5.º A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem: vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos Rapazes, sangrem os Padres até ao fim. A nossa capela. A missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos: pôr-lhes a Mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.

6.º Cuide-se de fomentar na alma do Rapaz o amor aos pobres, como complemento necessário da sua educação religiosa; para tal, sejam distribuídas, por mão deles, parte das esmolas que os fiéis nos dão. Como já acontece nas Casas existentes, noutras que, porventura, se venham a erguer, dê-se ao Rapaz a iniciativa total desta santa e doce tarefa, por amor de Deus; estão aqui os alicerces de uma Obra Cristã.

7.º A vida de trabalho deve seguir a par. Um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e sã. Cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio; a iniciativa; a personalidade – tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: Obra de Rapazes, para

⁹⁸ Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 73.

Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e saída de defeitos morais que os afligem.

8.º A tendência da Obra é que sejam Rapazes os seus próprios continuadores; por isso mesmo escolha-se entre eles o mais avisado e dê-se-lhe preparação. Os Padres da Rua não devem ter funções administrativas. É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais atividades sejam dirigidas e exploradas pelos Rapazes idóneos, segundo a escolha do superior, a quem devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos.

Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto. Chame-se a cada um a esta responsabilidade e não se lhe falte com o salário justo.⁹⁹

2.3. Ser educador

Toda a problemática da educação era vista, naquele período, como «um processo que proporciona ao indivíduo os meios para a sua própria configuração».¹⁰⁰ Daqui que os vários sistemas políticos, desde Pombal até ao Estado Novo, manifestaram grande preocupação com a formação dos jovens, pretendendo sempre aperfeiçoar a pedagogia e os seus métodos. Com efeito, «a pedagogia moderna operou uma transformação em métodos e técnicas educativas, úteis para adequar a metodologia às novas exigências, apesar de alguns perigos sobre o que deve ser essencial ou acessório no acto educativo».¹⁰¹ Não obstante, Padre Américo tinha uma visão um pouco diferente relativamente a este assunto:

[ele] pretendeu um efeito educativo mais assente na interiorização (axiológica), o que colocava ao gaiato obstáculos (dissonâncias ou interferências) à intuição do «outro» e do mundo, à compreensão dos outros e do que é exterior ao seu «eu», mas também insistia na orientação ou aconselhamento ao educando em determinados momentos.¹⁰²

A estratégia educativa adotada pela Obra da Rua «sugere mais o sentido de auto-educação (movimento de dentro para fora – maiêutica socrática) que a hétero-educação (influência do educador num modelo “diretivo”)».¹⁰³ Ali se aposta na imposição de pequenas tarefas (embora significativas para o funcionamento de toda a “família”/comunidade educativa) que transformam os educandos “a partir de dentro”, obrigando-os a desenvolverem um sentido

⁹⁹ Loureiro, 74 a 76.

¹⁰⁰ Ernesto Candeias Martins, *O Projeto Educativo do Padre Américo O ambiente na educação do rapaz*, 1ª (Lisboa: Temas e Debates, 2004), 73.

¹⁰¹ Martins, 73.

¹⁰² Martins, 74.

¹⁰³ Martins, 74.

de responsabilidade perante si mesmos e perante os demais. Padre Américo relata isto muito bem:

Por isso mesmo, sabe-o tu, meu filho, e saibam-no todos quantos nos lêem: nós não temos pessoal nem é nossa vontade espreitar ninguém. Os pequeninos, sim. Os «Batatas» são amparados, vigiados, acautelados. Os da vossa idade perdem, com os anos, esse privilégio. Ampara-te. Vigia-te. Acautela-te. Se o não fazes, sofres tu mesmo as consequências.¹⁰⁴

Assim se percebe que o principal intuito deste seu sistema é ensinar os gaiatos a serem autónomos, adquirindo a capacidade de realizarem as tarefas que lhe são destinadas, necessárias ao “bom funcionamento” da “comunidade” a que pertencem, sem a ajuda (nem a vigilância) de terceiros.

Com efeito, a educação nas Casas e nos Lares é um processo ou uma acção de aperfeiçoamento do gaiato, o qual deve recuperar-se das tendências e vícios anteriores e iniciar um desenvolvimento educativo o mais adequado às suas capacidades. Há, assim, uma coincidência da educação «in fieri» (no processo activo, dinâmico de aperfeiçoamento) e «in facto esse» (resultado ou objetivo final) de formar-se para a vida (autonomia).¹⁰⁵

Pretende-se, acima de tudo, uma educação na liberdade e na responsabilidade:

Por outro lado, o projeto educativo, das Casas e dos Lares do Gaiato apoia-se na concepção educativa do exercício da liberdade e do sentido da responsabilidade. Este facto leva-nos a esboçar as incidências do par dialéctico «natureza – liberdade» que exige um desenvolvimento explícito da liberdade humana, se queremos entender a concepção.¹⁰⁶

Nestas instituições, o principal objetivo é ajudar os jovens a mudar o seu comportamento. Como são provenientes de contextos muito diversos e deveras problemáticos, o processo de aprendizagem é sobremaneira difícil. No entanto, Padre Américo nunca desistiu nem se deixou vencer diante desta desafiante tarefa; para ele, «Educar, consiste, salvo, melhor opinião, em mortificar em cada um a “matéria repugnante”, para o que o bom venha à tona».¹⁰⁷ Deste modo torna-se mais compreensível o alcance e significado que o mesmo atribui ao processo educativo:

¹⁰⁴ Américo Monteiro de Aguiar, *Cantinho dos Rapazes*, 2.^a (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1997), 82.

¹⁰⁵ Martins, *O Projeto Educativo do Padre Américo O ambiente na educação do rapaz*, 75.

¹⁰⁶ Martins, 76.

¹⁰⁷ Américo Monteiro de Aguiar, *Isto é a Casa do Gaiato*, 3.^a, vol. I (Paço de Sousa: Casa da Gaiato, 1985), 98.

Educar é dar-se pelo conhecimento íntimo do seu educando. O nome, o número e as fichas do rapaz são um zero em matéria de educação. Eu nunca li fichas de nenhum dos meus rapazes. Nunca li informações.

Não falta quem me diga mal de alguns, apontando, até, factos concretos. Eu porém, oiço em silêncio, guardo tudo no meu peito e espero que o rapaz se revele a mim. Ele é que me há-de dizer tudo. Isto é educar. Isto é o toque espiritual de uma obra de assistência a menores.¹⁰⁸

2.4. Princípios educativos

Esquemáticamente, e de acordo com João Evangelista Loureiro¹⁰⁹, um dos primeiros estudiosos que se esforçou por sistematizar o pensamento pedagógico de Padre Américo, estes são os princípios educativos característicos da Obra da Rua:

- 1.º Exercício da liberdade;
- 2.º Autogoverno;
- 3.º Exercício da responsabilidade;
- 4.º Educação da liberdade;
- 5.º Fator natureza;
- 6.º Vida familiar;
- 7.º Cultivo de valores humanos;
- 8.º Aspeto sobrenatural.

Eram estes os “alicerces” com que Padre Américo entendia dever erigir-se a sua «Obra de Rapazes, para rapazes, pelos rapazes».¹¹⁰ Analisemos cada um deles um pouco mais em pormenor, salientando alguns aspetos que nos parecem mais relevantes.

2.4.1. Liberdade

Os gaiatos são educados na liberdade e para a liberdade: «andam de um lado para o outro, vão das suas casas para o campo e para as oficinas e destas para aquelas sem ninguém que vigie, sem o tutor que dá ordens ou marca horas».¹¹¹ Tal liberdade só é possível num clima

¹⁰⁸ Américo Monteiro de Aguiar, *Doutrina*, vol. II (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1977), 226.

¹⁰⁹ Loureiro, *Um grande educador português do século XX*, 77ss.

¹¹⁰ Loureiro, 77.

¹¹¹ Loureiro, 80.

de profunda confiança (mútua) entre educador e educandos. No dizer do próprio Padre Américo:

Confiança. Gosto da força que esta palavra tem. Antes quero a derrota da confiança do que o triunfo da vigilância. Asneiras que eles façam por si mesmo, são lições. Vem lá um mundo novo, ninguém tenha dúvida a tal respeito. A última palavra não é dos homens, embora eles falem de muitas maneiras e em muitos lugares. Deus é quem risca.¹¹²

Obedecendo ao princípio de que “confiança gera confiança”, na *Obra da Rua*, confia-se nos jovens para a realização de tarefas relevantes para o funcionamento de toda a comunidade. Em caso de incumprimento, são os próprios infratores os primeiros a sofrerem as consequências da sua falta. Assim, a cada jovem é sempre concedida a liberdade para decidir o que pretende ou não fazer, mas sempre tendo em consideração que terá de aceitar as responsabilidades e consequências inerentes a essa sua escolha. Na síntese de João Evangelista Loureiro:

Poder-se-á falar de autêntica liberdade, portanto, quando ela se exerce independentemente de qualquer influência tutelar, moral ou física, e com o conhecimento pleno do objecto da possível transgressão e dos princípios éticos que regem o comportamento moral humano. Nestas condições é livre o que não transgride, não porque não transgride, mas porque não transgride podendo transgredir; é libertino o que transgride, não porque transgride senão porque transgride, podendo não transgredir.¹¹³

2.4.2. *Autogoverno*

Profundamente ligada ao tema da liberdade está a questão do autogoverno. «O tema autogoverno em pedagogia deve pertencer ao âmbito da educação social e pessoal do educando».¹¹⁴ O autogoverno é a estratégia pedagógica verdadeiramente estruturante no que respeita ao funcionamento interno das Casas e Lares dos Gaiatos da *Obra da Rua*, uma vez que era no cumprimento deste princípio que os garotos se sentiam parte responsável pelos afazeres da casa/comunidade/família a que pertenciam, sem terem a necessidade da supervisão de ninguém. Na síntese de Ernesto Candeias Martins: «o autogoverno como sistema educativo utilizado nas Casas e nos Lares do Gaiato cria um ambiente social (tipo familiar), destinado a influenciar contínua e dinamicamente os gaiatos durante a sua permanência e a sua formação pessoal e social».¹¹⁵ Assim sendo, podemos compreender que o autogoverno praticado nas

¹¹² Américo Monteiro de Aguiar, *Doutrina*, 1.^a, vol. 2.^o (Paço de Sousa: Casa da Gaiato, 1977), 180 a 181.

¹¹³ Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 83.

¹¹⁴ Martins, *O Projeto Educativo do Padre Américo O ambiente na educação do rapaz*, 340.

¹¹⁵ Martins, 341.

Casas e Lares do Gaiato era uma das facetas da dimensão “familiar” de toda a Obra da Rua. Não era apenas um aspeto formal, mas antes resultava e «assenta[va] numa educação não-formal, num ambiente comunitário»¹¹⁶, no qual os mais velhos eram responsáveis pelos mais novos e pela gestão e organização dos afazeres básicos das casas. Por conseguinte, são os próprios jovens a elegerem o(s) seu(s) chefe(s), sem qualquer intervenção dos responsáveis/formadores (Padres da Rua), processo que decorria num deveras interessante e profundo (e, à época, absolutamente “contracorrente”) exercício de democracia e de liberdade:

Sérgio é, como todos sabem, o nosso Chefe eleito. Sérgio, no passado domingo, quis ir jogar fora e pediu-me se o podia fazer. – Podes, mas deixa alguém no teu lugar.

Vem a hora do jantar. Vem o fim da refeição. Estão todos. Sérgio bate as mãos, impõe silêncio e anuncia:

- Eu vou sair. Volto às seis e meia. Fica «o Staca» no meu lugar.

Nisto volta-se para o substituto e dá as instruções: - Olha que tu repara por tudo.¹¹⁷

O chefe/“maioral”, sendo escolhido de entre os rapazes, como que ocupa um cargo/função que lhe é atribuída de forma livre e democrática, e não por escolha/imposição superior. Deste modo vemos que as Casas do Gaiato são regidas mediante uma saudável articulação entre liberdade e autoridade, conceitos cuja articulação (pedagógica) se revela sempre “problemática”:

Esta antinomia pedagógica, liberdade e autoridade, constitui ainda hoje um dos problemas mais difíceis de resolver na escola nova, não se lhe tendo encontrado uma solução tida por todos como ideal. Parece-nos que o sistema de auto-governo das Casas do Gaiato é uma das experiências mais logradas neste campo. Ela pratica-se realmente, com a orientação superior do assistente, orientação que não significa governo de qualquer espécie, pois são eles que efectivamente mandam e dirigem, mas simplesmente conselho, sugestão, mais experiência e conhecimentos. O sacerdote-assistente é um autêntico pai que conhece cada problema de cada um dos seus filhos sabe como é e se comporta cada um destes, prevê tudo a tempo e horas para que eles façam da melhor maneira.¹¹⁸

Os chefes / “maiorais” eram, deste modo, aqueles gaiatos (e não necessariamente os “mais velhos” mas certamente os vistos como “mais aptos” pela comunidade/família da Casa

¹¹⁶ Martins, 342.

¹¹⁷ Américo Monteiro de Aguiar, *Isto é a casa do Gaiato*, 2.^a, vol. II (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1971), 117 a 118.

¹¹⁸ Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 91.

em questão) que, quando escolhidos para tal missão, tinham o dever de zelar por aqueles que estavam sob a sua responsabilidade:

O chefe tem a função de governar, de orientar, de vigiar e de manter o bom funcionamento do sistema de autogoverno, podendo até propor, nas situações de infracções ou de faltas mais ou menos graves convocar a assembleia comunitária (ou pedir ao padre da rua que a convoque).¹¹⁹

2.4.3. Responsabilidade

Encaixa precisamente aqui a questão da “responsabilidade”, aqui entendida como a “outra face” da “liberdade” em que assenta o projeto pedagógico de Padre Américo: «O sistema de autogoverno assenta no princípio da responsabilidade pessoal do gaiato, como fonte de uma educação em liberdade, sem perder de vista a função comunitária dessa responsabilidade».¹²⁰ Dado que as casas eram geridas em regime de autogoverno, era através dessa liberdade concedida aos gaiatos que lhes era proporcionada a hipótese de desenvolverem o sentido de responsabilidade :

Sabemos que é dever de uma adequada metodologia educativa incutir no rapaz o sentido de responsabilidade, isto é, o educando deve aprender a reconhecer-se autor dos seus próprios actos e, ao mesmo tempo, a sofrer as suas consequências, o que é possível apenas num ambiente de liberdade e quando se sente livre.¹²¹

Assim, torna-se agora mais perceptível que os chefes são, para os Padres da Rua, como que “parceiros” na busca da harmonia e da boa convivência nas Casas. Deste modo, não cabe aos Padres controlar os rapazes; são eles que se vigiam e cuidam uns aos outros e da própria casa, pois são, acima de tudo e antes de mais nada, uma família. Aos Padres da Obra da Rua cabe, sim, a muito importante missão de acompanhar os rapazes, de estar atentos às suas necessidades e solicitações, vislumbrando nelas o querer e o precisar de toda a comunidade:

Os chefes são felizes. São rapazes plenos de ideal. Comprometem-se das suas responsabilidades. Eu fico admirado dos seus desabafos e revelações. Esta admiração natural é produto da nossa ignorância sobre as possibilidades das almas, variadas e infinitas. Eu fico admirado.¹²²

¹¹⁹ Martins, *O Projeto Educativo do Padre Américo O ambiente na educação do rapaz*, 388.

¹²⁰ Martins, 364.

¹²¹ Martins, 365.

¹²² Aguiar, *Doutrina*, 1977, 2.º:252.

2.4.3.1. Os castigos

Quando um gaiato não cumpria alguma tarefa que lhe fora atribuída, poderia sofrer um castigo que sempre tinha em consideração a gravidade do “delito”. O dito castigo poderia ser uma mera admoestação (feita pelos colegas mais velhos ou pelo “chefe”/“maioral”) ou, nos casos mais graves (e particularmente quando o aviso não surtia efeito e o jovem continuava a faltar com a sua responsabilidade), era convocada uma assembleia de todos os rapazes da Casa, presidida pelo seu chefe e em que o padre formador estava igualmente presente, embora apenas como “observador”), na qual se decidia o castigo a aplicar¹²³ Estas assembleias eram também conhecidas como “tribunais” e os castigos ali impostos estavam centrados em «duas dimensões: a pessoal e a social, sendo o núcleo central da sua função ajudar a distinguir o bom e o mau, a verdade e a mentira, a infração do ato correto e, ainda, lutar, contra as más tendências anteriores dos rapazes». ¹²⁴ Sendo este o procedimento para os castigos, segue-se um exemplo narrado pelo Padre Américo, no qual a punição não atingiu apenas um, mas sim todos os membros da casa, o que ajuda a relevar a dimensão estritamente comunitária de todo este “processo”:

Tenho muita pena, disse, de chamar à responsabilidade somente os rapazes que trabalham no campo e de os obrigar a pagar em conjunto a falta que talvez haja sido de um só. Iam todos ficar sem merenda, até que se apresentasse o verdadeiro culpado. Continuei dissertando mansamente sobre a deslealdade terrível que não seria a daquele que, sabendo-se culpado, deixasse sofrer os irmãos inocentemente. E acabei por dizer que esperava ver amanhã no meu quarto, o delinquente, sob o maior sigilo. Cai um grande silêncio no refeitório. Nota-se que o auditório está magoado. Nós temos as mesas dispostas ao uso monástico; os garotos olham-se vis-a-vis. Eu estou no meio, à espera.

Sim; é muito difícil, disse, nem eu espero que o culpado se levante agora, mas amanhã quero ouvir um segredo de alguém.

Nisto, faz-se rumor em uma das mesas. Um pequenino levanta-se, passa pelo meio da comunidade inteira, e vem até junto de mim, afoitamente: - fui eu! Ontem rodilha dos caminhos!

Não é de contar o delírio de todos: abraços, vivas, expansões da alma, tudo serve de aprovação à ruidosa nobreza do garoto. Tenho já tido exemplos de rapazes que, em casos semelhantes, vêm dizer as suas culpas, a sós.¹²⁵

¹²³ «Quando os gaiatos não cumprem as suas obrigações nem os deveres comunitários ou cometem faltas comportamentais, reúne-se a assembleia para apreciar as infrações e aplicar os respetivos castigos». - Martins, *O Projeto Educativo do Padre Américo O ambiente na educação do rapaz*, 405.

¹²⁴ Martins, 405.

¹²⁵ Aguiar, *Isto é a Casa do Gaiato*, I:28 a 29.

2.4.4. Educação para e pelo trabalho

As tarefas propostas para o funcionamento harmónico de cada uma das Casas do Gaiato eram realizadas por todos os gaiatos que nelas habita(va)m, de acordo com as suas idades, capacidades, competências e responsabilidades atribuídas. Deste modo, desde muito cedo que lhes era inculcida uma perceção positiva do trabalho, não com o objetivo de fazer deles “adultos em miniatura”, mas antes para criar neles a noção e a importância da responsabilidade e do contributo pessoais naquelas que eram as tarefas diárias da casa, quer dizer, o sucesso da própria comunidade.

Nas casas do Gaiato cada um tem um serviço marcado, de acordo com a sua idade e as suas aptidões. Há cozinha, refeitório, sapataria, alfaiataria, rouparia, barbearia: há escolas, tipografia, biblioteca; há padaria, oficinas, terra para cultivar; há porcos, galinhas, vacas, ovelhas; há capela e sacristão; há um ofício para todos e cada um para o seu ofício. O fundador não se cansou de realçar o valor do trabalho, quer como factor educativo, quer pela elevada função social, formativa e higiénica que desempenha.¹²⁶

Padre Américo, certamente também em consonância com o seu próprio percurso pessoal, sempre deu grande importância ao trabalho e muitas vezes falou dele aos seus gaiatos. Eis um excerto de uma dessas ocasiões em que, de certo modo, apresenta e justifica esta ideia central do seu pensamento:

Quem disse que os vadiozinhos da rua, não se afeiçoam aos trabalhos do campo? Nós temos nas nossas Casas a prova do contrário. Garotos de Alfama, das ilhas do Porto, dos becos de Coimbra, todos da enxurreira social, alguns meus conhecidos, convidados por mim mesmo a escolher outra vida; - estes têm dado excelentes provas e são amigos de trabalhar.

É a fórmula mais simples e mais eficaz que no mundo se encontra, para curar as enfermidades da alma de que estes pobres inocentes são portadores. É a mãe terra a infundir vida e alegria na própria vida destas crianças.¹²⁷

2.4.5. Fator Natureza

O permanente contacto com a Natureza, aqui entendida também como espaço/*habitat* propício à aprendizagem e ao desenvolvimento pessoal, é outro dos elementos identificadores

¹²⁶ Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 100 a 101.

¹²⁷ Aguiar, *Isto é a Casa do Gaiato*, I:11 a 12.

da proposta pedagógica de Padre Américo. Por conseguinte, ele considerava fundamental que em todas as suas Casas os gaiatos tivessem espaço para correr e brincar, para aprender a cultivar alguns alimentos ou a criação de animais, bem como outros ofícios (“oficinas” várias), tudo em ordem a um desenvolvimento harmonioso das respetivas capacidades:

As crianças gostam de subir, ver ao longe, descer às margens dos rios, onde topam horas deliciosas a escarafunchar coisas na areia, água pela cinta, - felizes. O simples contacto com a natureza, dá-lhes imediatamente um novo ar; - mais dóceis, mais sinceros, mais inocentes, menos palavrões. A alma desabrocha toda para Deus; é o tempo das sementeiras!¹²⁸

Ao atentarmos neste excerto, é quase imediata a identificação do filão franciscano neste gosto particular de Padre Américo pela natureza.¹²⁹ Ao integrá-la nos princípios educativos da sua Obra, Padre Américo utiliza-a como ponto de partida também para a fruição estética e espiritual da beleza da criação, promovendo nos seus rapazes «um amor à beleza natural que os rodeia».¹³⁰ Natureza e beleza são, aqui, outro binómio fundamental deste seu projeto pedagógico.

2.4.6. *Aspeto familiar*

Tal como referido anteriormente, todas as casas da Obra da Rua pretendem ser um verdadeiro lar familiar para aqueles jovens que, outrora abandonados à sua sorte, ali (re)encontram um espaço de crescimento saudável. É sabido que as famílias de muitos desses jovens não tinham condições para os sustentar nem lhes garantir os devidos cuidados, muitas vezes forçando-os a uma vida nas ruas, a pedir esmolas. Esta dura realidade só se alterava quando Padre Américo os acolhia numa das suas casas, tratando-os como se fossem seus filhos. Por isso, desde o primeiro momento da sua chegada às Casas do Gaiato que estes jovens recebem, sobretudo, amor e compaixão, juntamente com a oportunidade de darem um novo rumo às suas vidas e adquirirem uma nova esperança no seu futuro, algo que até então lhes tinha sido negado. Com efeito, é esta “dimensão/organização/vivência/ambiente familiar” outra das características essenciais a reter neste projeto pedagógico-social:

Em todas as Casas do Gaiato respira-se um ambiente perfeitamente familiar. Tudo foi pensado, inclusivamente a própria construção, como se verifica em Paço de Sousa, para

¹²⁸ Aguiar, *Pão dos Pobres*, 1959, II:77 a 79.

¹²⁹ «Padre Américo era pessoalmente um enamorado da natureza pela qual sentia verdadeira paixão franciscana. Não admira, portanto, que ela estivesse destinada a desempenhar uma função educativa na sua Obra.» - Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 108.

¹³⁰ Martins, *O Projeto Educativo do Padre Américo O ambiente na educação do rapaz*, 217.

que assim possa ser. Por isso a “aldeia” se constituiu pela junção de diversas casas, as “casas- família”, como lhe chamou Padre Américo, cada uma com o seu chefe, as suas coisas próprias, a sua vida. Muitos que sejam os rapazes, são famílias que se distinguem no campo, nas oficinas, na escola, na mesa, na capela, por todas as partes.¹³¹

Assim, toda a Obra da Rua é vista, em si mesma, como uma grande família: para muitos daqueles rapazes, será porventura a primeira verdadeira família que conhecem, que os cuidava e se preocupava com o seu crescimento e desenvolvimento. Ali, «É o meio familiar, a força da verdade; a lei da natureza».¹³² Fica claro, portanto, que Padre Américo valoriza muito a família, bem como o amor, aqui entendido como uma fonte de bondade, verdadeiro “motor de arranque” das mais relevantes dimensões da existência. Não é estranho, por isso, que no seu pensamento, educação e amor estejam intimamente relacionados, ao ponto de dizer: «A educação não quer fórmulas; basta a expansão do amor».¹³³ E, de forma mais extensiva:

É o amor do “lar” como um “fogo” “inteiro” dos que antes não tinham família natural. O P.e Américo indignava-se com o abandono dos filhos por parte das mães ou dos pais e das famílias. O amor à mãe e o “apego” à família encontrava-se geralmente ausente nos gaiatos, porque não tinham ou, se a tinham, estava por ela abandonados.¹³⁴

2.4.7. Educação Religiosa

Embora não seja fácil estabelecer uma hierarquia entre estes diversos princípios educativos, é evidente que a educação religiosa ocupa um lugar de destaque no quadro do pensamento pedagógico de Padre Américo. Nas suas palavras:

A educação religiosa não se discute; ela é fonte de vida, na medida em que esta educação religiosa se casa com as possibilidades espirituais de que o garoto é portador; ele é participante da natureza de Deus, capaz de amar e de conhecer o belo, o justo, o verdadeiro.¹³⁵

Estando assim “enquadrada” e justificada a questão, melhor se perceberá o papel que Padre Américo atribui à própria oração no quadro do seu projeto educativo. Homem de oração desde muito novo, ela ocupava uma parte tão fundamental da sua vida que desde sempre entendeu que esta deveria igualmente ser alvo de particular relevo na sua pedagogia.¹³⁶ Com

¹³¹ Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 111.

¹³² Américo Monteiro de Aguiar, *Pão dos Pobres*, vol. III (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1962), 200.

¹³³ Aguiar, *Isto é a Casa do Gaiato*, I:16.

¹³⁴ Martins, *AMOR, MEDITAÇÃO e ACÇÃO/ Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 195.

¹³⁵ Duarte, *A Porta Aberta*, 190.

¹³⁶ José da Rocha Ramos, *PADRE AMÉRICO: místico do nosso tempo* (Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1997), 151.

feito, e não obstante todas as demais atividades e tarefas diárias, Padre Américo pedia aos seus jovens que fossem assíduos na oração. Para ele, a oração não era uma mera “obrigação” ou “preceito” a cumprir, nem tão-pouco precisava de “hora marcada”: todos os momentos do dia-a-dia são oportunos para falarmos com Deus e para colocar nas suas mãos as nossas aflições e os nossos medos:

Isto bate certo! Isto condiz matematicamente com a verdade; em qualquer das vossas obrigações e durante os vossos trabalhos e nas vossas caminhadas, podereis abrir conversa com o Pai Celeste. Nas vossas dúvidas, nas encruzilhadas, nas hesitações, que são de todo o momento e por toda a vida, isso então deveis abrir conversa com o Pai Celeste.¹³⁷

Percebe-se bem, portanto, que Padre Américo valorizava bastante a oração, quer na sua vida pessoal, quer na vida dos seus gaiatos, sendo a fonte vital de todo o ser humano. Com efeito, Padre Américo foi, desde muito novo, um homem de oração, embora não gostasse que lhe chamassem "mestre"¹³⁸ (neste como noutros aspetos). Ao lermos a sua biografia, facilmente percebemos que a oração ocupava uma parte fundamental da sua vida, principalmente a oração privada, vista como um tempo/espço fundamental no que diz respeito à sua pedagogia.¹³⁹ Concluimos, portanto, que nem a dimensão religiosa nem a oração são meros “apêndices”/“capítulos extra” do seu projeto educativo: elas estão na base e na intersecção de todos os demais elementos que o constituem, tal como acontece na biografia daquele que é o seu autor.

2.5. Pedagogia do amor e educação pela confiança

Em forma de síntese de tudo o que foi dito acima, podemos definir toda a pedagogia aplicada nas Casas do Gaiato como, sobretudo, uma pedagogia do amor e da confiança:

Um amor efectivo e desinteressado. Dimana da verdadeira caridade cristã. A obra realizada para os garotos da rua, num clima de liberdade, espontaneidade, característico do são ambiente familiar, é a prova tangível (daquele por amor do rapaz eu sofro...)¹⁴⁰

O amor é um tema que atravessa os escritos de Padre Américo, quer na forma como o próprio se exprime em relação aos seus gaiatos, quer nas suas atitudes e atenção para quem lhe é particularmente próximo: os pobres. Não obstante, não podemos confundir este amor de Padre

¹³⁷ Aguiar, *Cantinho dos Rapazes*, 154.

¹³⁸ «Rejeita o título de mestre e, todavia, sem talvez disso se aperceber, é um dos mais proeminentes mestres de oração do séc. XX». - Ramos, *Padre Américo Místico do nosso tempo*, 149.

¹³⁹ Ramos, 151.

¹⁴⁰ M. Durães Barbosa, *Padre Américo Educar ao sentido de Responsabilidade* (Porto: Edições Salesianas, 1987), 79.

Américo com um mero sentimento: ele era, igualmente e sobretudo, sinónimo de uma luta permanente contra toda a espécie de injustiças. «P.e Américo lutava contra as injustiças sociais através da verdade»¹⁴¹; para ele, «Sofrer por amor da justiça é sempre uma dor».¹⁴² Consciente das dificuldades dessa luta, Padre Américo sabia ser apenas uma a sua maior arma: a verdade.

Para o fundador de *O Gaiato* haveria que aceitar a “verdade” como acolhimento, como reconhecimento da realidade em que vivia o ser humano. Por isso, para ele a verdade é descobrimento, desvelamento (do “ser”, no sentido de Heidegger) para que as coisas fossem visíveis. É aqui que entra o amor, como arma iluminadora do caminho da verdade. O ser humano em situação limite tinha que conseguir a verdade, extraíndo-a da sua própria situação existencial, pois esta também era a “verdade”. De facto, a verdade religa-se com a realidade das coisas, da própria vida e com a pessoa em si mesma. O pobre, o abandonado e o carenciado não era um “quê”, eram um “quem” de corpo e alma, um ser com as coisas. Por conseguinte, as acções do P.e Américo incutiam o amor e a caridade, de modo que esses seres humanos, como pessoas (abertura), pudessem superar essas situações existenciais adversas procurando a “verdade”.¹⁴³

Daqui se compreende o facto de Padre Américo acreditar plenamente em cada criança, na sua bondade e na sua simplicidade, não de um modo “idealista”/“utópico”, mas «numa perspectiva cristã».¹⁴⁴ O seu principal objetivo era dar aos garotos das ruas tudo aquilo que ninguém lhes tinha dado ou que lhes foi retirado, votando-os à miséria em que viviam:

Todo o seu esforço consiste precisamente em oferecer aos garotos da rua o amor que ninguém lhes deu. Começara, por amor, a arrancar estas crianças ao ambiente pestilento em que viviam, proporcionando-lhes um diferente do seu, melhor, adequado. A experiência iniciara-se com as Colónias.¹⁴⁵

Foi nas colónias de férias em que participou, primeiramente como seminarista e depois como fundador e diretor da Obra da Rua que ele se apercebeu da necessidade de uma resposta diferente a este problema:

O garoto das ruas-escreve- é um camaleão. Em casa desobedece; a pedir, é choramingas; com os outros é refilão; nas ruas, é malcriado; às perguntas, é mentiroso. Muda de cor e estilo, conforme os lugares e as circunstâncias. E acrescenta: porém, se ele percebe e sente que alguém no mundo o ama, quer amar também e é fiel.¹⁴⁶

¹⁴¹ Martins, 203.

¹⁴² Américo Monteiro de Aguiar, *O Barredo* (Paço de Sousa: Casa da Gaiato, 1952), 87.

¹⁴³ Martins, *AMOR, MEDITAÇÃO e ACÇÃO/ Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 204.

¹⁴⁴ Barbosa, 80.

¹⁴⁵ Barbosa, 81.

¹⁴⁶ Barbosa, 81.

Aqui se percebe a sua aposta num projeto educativo assente na liberdade: favorecendo a sua natural espontaneidade, agindo com verdade e sem recorrer a qualquer tipo de imposições assentes no medo, Padre Américo considera ser assim mais fácil conquistar o coração destes jovens, educando-os no sentido da correção que deve ser feita, certamente, mas, com todo o cuidado para não os ferir nem “tolher” mais do que a sua vida já o fez.

Nesta perspectiva, defendendo os valores da liberdade e espontaneidade das crianças, no intuito de melhor as orientar e corrigir, procurar, antes de mais, conquistar-lhes o coração e inculcar-lhes confiança, o que é elementar para uma sã pedagogia. Por isso, como nos conta vícios que trazem, delitos que cometem, nunca nada disto se lança em rosto.¹⁴⁷

2.6. A “rua”: de “periferia” a “campo social” de ação

Lendo a biografia e os escritos de Padre Américo, não será certamente abusivo afirmar que o seu grande campo de atuação foi a rua; foi aí que descobriu a sua verdadeira “vocação”, foi nela que se encontrou com os seus “mais próximos” e foi igualmente dela que resgatou e depois ajudou tantas crianças a crescer:

Como educador, estava sempre em contacto direto com a rua e com os seus sujeitos necessitados, sentindo os seus problemas, carências e necessidades, e intentava com as suas intervenções colmatá-las ou encontrar soluções, nem que fosse a ida dos rapazes para a casa do Gaiato.¹⁴⁸

Por isso, mais do que “teorias” ou “planos”, o que lhe interessa e preocupa verdadeiramente é dar uma resposta (educativa, assistencial) àqueles que, por múltiplas razões, são “esquecidos” e/ou “escapam” às “redes” estatais/privadas de educação/assistência:

Ando nas ruas do Porto totalmente absorvido pelo pensamento de alimentar e educar estas crianças, eu ando mas é aos recados deles: -Trouxe?

Fala-se pr’ ai tanto em educadores e em educar! Ele nos colégios. Ele nos seminários. Ele nas famílias. E não se fala igualmente da educação dos da rua, por antecipadamente se saber que são todos um bando de malcriados e sujos e teimosos e maus e peste. Quem pode aproximar-se?! Sim. Muito se fala. Porém, se me fosse permitida uma palavrinha a tal respeito, eu havia de propor mais recoveiros e a servir e menos educadores a ensinar.¹⁴⁹

Uma vez mais se nos torna particularmente presente o profundo sentido de serviço e o cuidado pela educação dos mais desfavorecidos, elementos tão característicos no pensar e atuar

¹⁴⁷ Barbosa, 81.

¹⁴⁸ Martins, *AMOR, MEDITAÇÃO e ACÇÃO/ Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 320.

¹⁴⁹ Aguiar, *Isto é a Casa do Gaiato*, vol. I, p.224-225.

de Padre Américo. Sempre preocupado com os problemas do seu tempo e país, não deixa de refletir nas causas que possam justificar certas atitudes daqueles que têm a missão de, precisamente, resolver tais problemas. Mas nem isso o impede de agir: vencendo medos e preconceitos, fez da rua o seu grande campo de intervenção, e os ambientes mais desfavorecidos e esquecidos da sociedade do seu tempo o *habitat* onde mais comumente poderia ser encontrado. Na sua forma especial de dizer:

A rua é o campo social aonde mais eficazmente se pode trabalhar; ali passam todas as modalidades da miséria e da perversão das almas. O apóstolo das ruas descobre, no porte dos viandantes, tragédias de vidas, exatamente como artista enxuga belezas nos caminhos onde os mais passam sem darem fé de nada. O apóstolo das ruas é ele mesmo o inspirador, o criador, o realizador da sua arte.¹⁵⁰

Ele «não temeu fazer críticas à falta de medidas jurídicas que puseram fim à situação humilhante dos ilegítimos, dos bastardos ou dos filhos de pai incógnito».¹⁵¹ A responsabilidade pela situação daquelas crianças não poderia nunca ser imputada às ditas: eram os seus pais que deviam ter os cuidados necessários a prover-lhes um lar, uma educação e os bens essenciais ao seu desenvolvimento. Aqui se percebe, finalmente, como a sua *Obra da Rua* é também um grito por mais justiça, a começar pela correta identificação das vítimas e pela admoestação/penalização dos verdadeiros responsáveis por todas as situações de injustiça de que as crianças, de então como hoje, são alvo.

¹⁵⁰ Américo Monteiro de Aguiar, *Obra da Rua* (Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1965), 67.

¹⁵¹ Martins, *AMOR, MEDITAÇÃO e ACÇÃO/ Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 322.

3. A CATEQUESE NA ATUALIDADE. ALGUNS PONTOS ESSENCIAIS

O Papa Francisco recorda-nos o seguinte:

Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor se não se está convencido, por experiência própria, de que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o conhecer; não é a mesma coisa poder escutá-l'O ou ignorar a sua Palavra; não é a mesma coisa poder contemplá-l'O, adorá-l'O, descansar n'Ele ou não o poder fazer.

[...] O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém. (*Evangelii Gaudium*, 266)

Através deste pequeno excerto, conseguimos compreender o essencial do pensamento do atual Papa acerca da catequese e do seu primordial objetivo. Ele recorda-nos que somos livres, mas igualmente responsáveis por assumir esta missão. Finalmente, que este caminho (de descoberta... e de anúncio) acontece sempre “na companhia”/presença de Jesus. Não obstante, devemos ter igualmente presentes outros documentos do Magistério eclesial que nos ajudam a compreender que os princípios educativos de Padre Américo estão ainda muito presentes na catequese nos dias de hoje. Tentemos, pois, e como apontado inicialmente, apresentar e sintetizar alguns exemplos de tal presença.

«No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo» (Papa Bento XVI, *Deus caritas est*, 1). Fala-se aqui da importância do encontro, algo essencial para o crescimento e o desenvolvimento da pessoa. Com efeito, desde muito cedo que Padre Américo percebeu e integrou esta dimensão antropológica essencial do existir humano, sobretudo quando estes se lhe revelaram particularmente significativos para o seu próprio processo de crescimento e discernimento (vocacional). Com efeito, como bem regista Manuel Mendes, «Foi um encontro ocasional que começou a rasgar o seu horizonte vocacional». ¹⁵² Mas podemos acrescentar que este foi apenas um dos múltiplos encontros essenciais para o aprofundamento da vocação e desenvolvimento da personalidade de Padre Américo. Foi, de facto, através de tais encontros que ele alargou os seus horizontes em relação a muitos problemas e questões até então desapercibidos; do mesmo modo, foi através de uma “pedagogia do encontro” que, nas suas Casas, promoveu o companheirismo e a interajuda entre

¹⁵² Mendes, *Súmula Biográfica do Padre Américo*, 6.

os rapazes; finalmente, o encontro interpessoal entre Américo e cada um dos seus rapazes deveria, do mesmo modo, ser estendido (e como que atingir o seu “cume”) no encontro de cada um deles com Deus através da oração, aproveitando para tal as oportunidades que a casa lhes oferecia. Assim se percebe, portanto, como mais do que um simples “apartado temático-concetu”, o tema do “encontro” perpassa todo o pensamento e ação de Padre Américo.

Por sua vez, já muito antes, o Papa João Paulo II, na sua Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, relevava um outro aspeto que nos parece articular-se intimamente com os princípios educativos do Padre Américo: o tema da liberdade:

«É com vigor que, em união com os Padres do Sínodo, eu levanto a voz contra todas as discriminações no domínio da catequese; e uma vez mais, faço veemente apelo aos responsáveis, para que cessem totalmente tais constrangimentos, que pesam sobre a liberdade humana em geral, e sobre a liberdade religiosa em particular». (*Catechesi Tradendae*, nº 14)

Como tivemos oportunidade de verificar, a liberdade era um aspeto fundamental na educação dos gaiatos. Ao recordarmos as palavras de João Paulo II, vemos como ela é essencial para a vida de todo o ser humano, ao ponto de merecer um respeito redobrado. Com efeito, todo o ser humano deve ser livre, para que assim possa crescer e ajudar a crescer os outros que estão ao seu lado. Só assim, em liberdade, as crianças poderão alcançar a felicidade que anseiam.

Um outro aspeto a salientar nesta análise está presente na Carta Pastoral *A alegria do encontro com Jesus Cristo* (Conferência Episcopal Portuguesa, 2017), na qual podemos ler: «[Os jovens] Caracterizam-se, primeiramente, pela busca de autonomia e a conseqüente necessidade de serem pessoas livres e responsáveis.» (n.º 45). Referimo-nos, mais concretamente, ao autogoverno: uma estratégia pedagógica e um exercício essenciais na vida dos gaiatos acolhidos e adjuvados por Padre Américo, pois que os ajudava a crescer para uma vida feita de responsabilidades deviam ser assumidas e concretizadas. Trabalhando sem a vigilância de um superior, cresciam na capacidade de gestão quotidiana de uma casa/comunidade/família, concretizando assim uma saudável busca por maior autonomia. Assim sendo, reparamos como Padre Américo estava preocupado com que os jovens desenvolvessem convenientemente as suas capacidades de autogoverno/auto-organização, também ajudando-se mutuamente em prol de um objetivo por todos idealizado e assumido. Longe de promover qualquer espécie de “sistemas/estratégias de controlo”, de tipo controlador e repressivo, ele preocupava-se sobretudo pelo saudável e eficaz desenvolvimento das capacidades humanas e espirituais dos seus rapazes, desde logo a sua autonomia pessoal. Para

tal concorriam, como vimos atrás, a liberdade e a responsabilidade, conceitos que igualmente perpassam os documentos do Magistério relacionados com a catequese.

Com efeito, e precisamente porque constituem dois aspetos fundamentais no crescimento e desenvolvimento dos jovens de qualquer época, os documentos não deixam de sublinhar o horizonte da sua melhor compreensão: «Apoiados, porventura pelos membros da família e por amigos, contudo entregues a si mesmos e à sua consciência moral, são os jovens que passam a ter de assumir por si próprios a responsabilidade do seu destino, de modo cada vez mais a determinarem.» (*Catechesi Tradendae*, nº39). Aqui vemos como é reconhecido aos jovens um papel de cada vez maior responsabilidade no seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento. Não é, portanto, de estranhar que, não obstante as diferenças (de época, de mentalidade, de circunstâncias...), estes sejam temas recorrentes na reflexão sobre estas questões pedagógico-catequéticas.

Do mesmo modo, o fator Natureza, integrando a vida e o desenvolvimento do gaiato, possui uma eficácia pedagógica específica e constitui um especial auxílio no respetivo crescimento e desenvolvimento. O contacto com a Natureza permitia àqueles jovens desenvolver um maior respeito para com o meio envolvente, despertando-os para a fruição da Criação/Natureza como um “dom” que lhes é destinado. (cfr. Papa Francisco, *Laudato si*, nº. 228)

Falamos da questão da Natureza e da sua importância para a vida daqueles gaiatos; no entanto, outras questões eram consideradas essenciais na vida dos gaiatos, e sobretudo quando nos referimos ao seu salutar crescimento. Uma dessas era a “dimensão familiar”.

Ao nos referirmos à dimensão familiar apontamos àquela dimensão essencial para o crescimento e desenvolvimento dos gaiatos de Padre Américo, mas igualmente àquele elemento muito valorizado no que ao percurso catequético (sobretudo das crianças) diz respeito na atualidade. Os pais detêm, neste contexto, uma particular responsabilidade, pois cabe-lhes estar presentes em toda a vida catequética dos seus filhos. É desse modo que as famílias, além de *habitat* natural deste processo, se convertem em verdadeiros modelos/exemplos a seguir:

a catequese da infância e, ainda que de modo diferente, da adolescência; isto é, nas fases etárias em que os catequizandos mais dependem dos pais ou outros responsáveis pela sua educação. Ora, se o encontro com Cristo deve atingir a totalidade do ser humano, de modo algum se podem dispensar dele as pessoas que fazem parte da vida dos que com Ele se encontram.

E não há dúvida de que uma das maiores causas do abandono precoce de crianças e adolescentes está na falta de envolvimento dos pais e outros familiares na formação cristã

que a comunidade oferece aos filhos. (CEP, *Carta Pastoral A Alegria do encontro com Jesus Cristo*, n.º 34)

Não obstante, devemos ter presente que as famílias atuais manifestam grandes dificuldades no que diz respeito à educação dos seus filhos. Os pais são convidados a serem agentes ativos na educação dos seus filhos quer a nível escolar quer ao nível da fé. Eles são (devem ser) exemplos e modelos para os seus filhos, através do seu testemunho de vida; com efeito, nos dias de hoje, a dimensão testemunhal é muito valorizada quando se trata de transmissão de conhecimentos/valores dos pais para os filhos: é «Pelo seu exemplo de vida quotidiana, [que] os pais crentes têm a capacidade mais envolvente de transmitir aos seus filhos a beleza da fé Cristã». (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 124).

Finalmente, cabe ainda registar uma última dimensão/característica do projeto educativo de Padre Américo que se cruza com uma perspetiva atual da missão catequética: o aspeto sobrenatural e, em particular, o que este exprime enquanto conexão com o universo da oração (pessoal e/ou comunitária). Para Padre Américo, a oração é um momento e dimensão essencial na vida dos jovens; ela é como que a força vital e absolutamente necessária para o seu crescimento e discernimento. Por isso os seus rapazes eram incentivados à oração diária: quer a oração do rosário quer a participação na eucaristia diária são concretizações desse princípio educativo. A oração é, assim, entendida como uma espécie de “alimento (espiritual) diário” que fortalece os jovens no seu crescimento humano e espiritual: «No entanto, também é verdade que muitos jovens participam ativamente e com entusiasmo na vida da Igreja, nas suas experiências missionárias e de serviço e vivem uma vida de oração autêntica e intensa». (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 251).

Não obstante, e embora reconhecendo o papel central da oração na vida daqueles gaiatos como nos jovens de hoje, devemos ter a capacidade identificar e resolver algumas questões problemáticas sentidas por estes mesmos jovens a este respeito. Num mundo em constante mudança, será sempre difícil acompanhar esse movimento e enquadrar devidamente, e em “tempo útil”, todas as suas mutações; contudo, este é um esforço não apenas necessário, mas antes vital para que possamos continuar a ajudar os jovens a crescer na fé. Padre Américo, apesar de todas as dificuldades que sentiu na sua vida, sempre colocou os jovens e o seu salutar e completo crescimento em primeiro lugar. Era deles a primeira palavra à hora de tentar compreender os seus medos e os seus anseios. Deixando-nos inspirar por tal metodologia, reconheceremos como cada vez mais se torna essencial dar a primeira palavra aos jovens, se for nossa intenção trabalhar para que a Igreja possa crescer e desenvolver-se. São eles o futuro

e o presente da Igreja, pelo que deve ser deles a primeira palavra com que nos exprimam as suas «alegrias e esperanças, tristezas e angústias» em relação aos tempos atuais.

Da conjugação de todos estes fatores resultará igualmente um eficaz e efetivo cultivo dos valores humanos mais fundamentais. Será através deles que os jovens de hoje (como os gaiatos de outrora) se converterão em homens e mulheres devidamente formados e informados a respeito da sociedade e das suas necessidades, hoje e no futuro: «Comprometendo-se a promover o homem na sua integridade, a escola católica fá-lo, obedecendo à solícitude da Igreja, na consciência de que todos os valores humanos encontram a sua realização plena e, portanto, a sua unidade em Cristo». (*Novo Diretório para a Catequese*, n.º 312)

Em suma, podemos concluir que algumas das principais “intuições” do projeto educativo do Padre Américo perpassam os documentos do Magistério eclesial respeitantes à Catequese. Tal constatação leva-nos a deduzir não só a transversalidade epocal das problemáticas a que os mesmos apontam, mas igualmente (e sobretudo) a validade e o carácter perene de tais intuições.

3.1. Educação e cultura atual: alguns pressupostos básicos

No quadro do presente modelo social, denominado por Zygmunt Bauman como “modernidade líquida” ou sociedade líquida, sociedade sem raízes, fluída¹⁵³, talvez não seja abusivo considerar que a educação é um dos fenómenos humanos em que mais se nota este constante desenvolvimento e mutabilidade. Seja por influência das transformações de ordem tecnológica seja pela própria cultura e modo de pensar (“sociedade de consumo”, que valoriza o efêmero e o descartável), este âmbito constitui um campo de análise e de ação muito particular em ordem à compreensão (e transformação) da realidade humana, presente e futura. Com efeito,

Barroso (citado em Martins, 2013, p. 22) faz referência a três futuros possíveis para o processo de escolarização: a hiperescolarização, a desescolarização e a refundação, todos eles potenciados pela utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Sendo a hiperescolarização relacionada com o reforço da escola homogénea; a desescolarização, princípio defendido por Illich que defende o fim da escola, pois o ato de educar compete aos pais, à comunidade e à livre iniciativa e, por último, a refundação, segundo o investigador, o mais desejável. Este movimento pedagógico, conhecido por Educação Nova, desenvolvido nos inícios do século XX, defende o desenvolvimento das competências individuais, da aprendizagem interativa, da escola criativa e ativa, apostando na autonomia do aluno.¹⁵⁴

Por isso, adquire especial relevo a compreensão acerca do papel dos educadores nos dias de hoje. Neste quadro, convirá assinalar que

a pedagogia de perfil propriamente filosófica e moral parece não ter mais lugar, e neste sentido parece nunca vir a encontrar nem lugar (u-tópica) nem tempo (u-crónica), ou parece estar fora de lugar (ec-tópica), ou mesmo sem ele (a-tópica). Substituiu-se o educador pelo instrutor, e quando se fala em papel educativo ou na função e funções do(s) educador(es) identificam-se essas não no quadro de uma relação de autoridade e de transmissão de valores, mas o acto educativo (e a palavra acto é já por si sintomática) reside sobretudo no processo, nos jogos de linguagem desse acto processual.¹⁵⁵

O processo educativo parece, pois, ter entrado numa espécie de erosão na medida em que o tradicional seio familiar é substituído pelos *media* e pelas (novas) tecnologias: são criados programas de entretenimento que não só passam a ocupar aquelas horas de habitual convívio familiar como acabam, por vezes, por os substituir. Permite-se, assim, que as (novas)

¹⁵³ Helena Gaspar e Célia Ribeiro, «A pedagogia – ao longo dos tempos», *Gestão e Desenvolvimento*, 2016, 210, acedido em 18 de fevereiro de 2023, <https://doi.org/10.7559/GESTAOEDESENVOLVIMENTO.2016.341>.

¹⁵⁴ Gaspar e Ribeiro, 210.

¹⁵⁵ José Carlos Carvalho, «A educação cristã: saudosismo, utopia, ou futuro?: Uma nota», *Theologica* 37, n.º 1 (2002): 125, acedido em 18 de fevereiro de 2023, <https://doi.org/10.34632/theologica.2002.10639>.

tecnologias preenchem o nosso tempo de qualidade, roubando-nos o tempo e o espaço para a criação/fortalecimento das relações humanas, também elas cada vez mais convertidas em interações nas chamadas “redes sociais”. Tudo isto aumenta o nível de exigência feita não só à escola como à família, levando, não raras vezes, a uma situação de confusão ao nível dos papéis que esta e as famílias devem desempenhar nos processos formativo e educativo das crianças e jovens.

Nesta nossa sociedade contemporânea o “pai colectivo” substituiu o pai biográfico. A família é relegada substitutivamente pela televisão, pela escola, ou pelo grupo. As relações geracionais entre pais e filhos no seio da família são frequentemente apenas afectivas. Paradoxalmente, pede-se depois à escola que faça aquilo que a família não consegue ou não quer muitas vezes fazer – educar. Assim, as formas de apreensão cultural afiguram-se pouco propícias à identificação pessoal. Estas são efectivamente sobretudo miméticas, baseadas na imitação e emulação mais ou menos conivente do grupo ou dos grupos. Esta marginalização da família face aos processos de transmissão cultural tem como consequência o distanciamento da identidade pessoal face à cultura (pelo menos aquela que fez história, real, e não virtual).¹⁵⁶

Todo este rápido crescimento da dimensão “digital” da nossa cultura atual parece afastar a sociedade da verdadeira realidade, levando, conseqüentemente, à erosão do sentido do dever.

Neste quadro a norma jurídica e social não permite que o sujeito descubra a correspondência às relações de proximidade, de amizade, ou mesmo de aliança, e nesse sentido não educa (pelo menos directa e espontâneamente) à fraternidade. Esta cultura da autonomia educa e bem ao respeito da liberdade do outro cujo limite é para mim limite, mas não educa à formação e construção de uma vontade própria, direccionada, madura. Nesse sentido educa à abstenção.¹⁵⁷

Em suma, podemos concluir que, diante deste novo contexto cultural, é urgente repensar e recentrar a discussão em torno do papel dos educadores (que, no âmbito do presente estudo, inclui e se concentra necessariamente nos Catequistas) de modo que estes, no seu ser, pensar, dizer e fazer, constituam verdadeiros testemunhos de fé para os jovens de hoje.

¹⁵⁶ Carvalho, «Educação cristã: saudosismo, utopia ou futuro? Uma nota», 126.

¹⁵⁷ Carvalho, 127.

3.2. Aproximação ao contexto atual da catequese

A situação atual da catequese é preocupante. No entanto, devemos adquirir/desenvolver a capacidade de vislumbrar as oportunidades entre os desafios com que nos deparamos. O mundo de hoje é, de facto, muito diferente daquele em que crescemos; no entanto, devemos exercitar a capacidade de nos adaptarmos a novas situações.¹⁵⁸

Devemos ter a capacidade de adaptação ao mundo e à realidade atual, mas sem esquecer um ponto essencial: «a transmissão e proposta da fé supõe, decisivamente, uma renovação da iniciação cristã e dos caminhos de formação permanente da fé».¹⁵⁹ A transmissão da fé necessita de um novo caminho, um novo rumo, mas nem sempre estamos preparados para fazer esse caminho. Na verdade, não existem soluções rápidas; necessitamos de algo que dure e perdure. Por outras palavras, «não há soluções miraculosas; há sempre uma distância entre a teoria e a prática; a maior parte das vezes, trata-se apenas de pequenos passos possíveis; as transformações indispensáveis acontecem aqui, frequentemente, não tanto através de grandes iniciativas, mas pela via de uma progressiva mudança de mentalidade».¹⁶⁰ A catequese precisa de novos caminhos para que ela seja uma catequese para os jovens de hoje. E é precisamente aqui que ela revela algumas das suas maiores fragilidades.

Por isso, e sem qualquer enfraquecimento da indispensável busca em profundidade de novos caminhos em todo o processo da iniciação cristã, é necessário também relativizar unilateralismos catequéticos absolutizados. Se, por exemplo, a catequese da infância e da adolescência mostra as fragilidades que se conhecem, não se adiantará muito em passar para atitudes exclusivistas (do género: catequese para crianças e adolescentes, só se os pais aderirem em pleno, em jeito de catequese familiar ou intergeracional), sem se questionar as causas mais profundas da situação atual e sem se manter o indispensável realismo face às situações concretas.¹⁶¹

É muito comum afirmar-se que o problema da catequese é a sua organização. Sem a dita e necessária organização, não conseguiremos fazer a diferença perante as dificuldades com que nos deparamos. Contudo, não são só os problemas organizacionais que afetam a catequese.

¹⁵⁸ «Certamente que os tempos que vivemos são diferentes do que conhecíamos, mas muito do que é hoje posto em causa e estamos a perder pode tornar-nos mais inseguros, mas – rigorosamente – é uma purificação indispensável, pode ser mesmo uma oportunidade para a emergência de um cristianismo renovado e um desafio para fazer ressaltar o significado que o verdadeiro seguimento de Jesus pode continuar a ter. Nós – temos de o reconhecer – é que, muitas vezes, pela nossa maneira de pensar e de agir tornamos o nosso tempo e as nossas circunstâncias mais difíceis.» - José Eduardo Borges de Pinho, «Transmitir e propor a fé: encruzilhadas e desafios», *Humanística e Teologia* 34,n.º 1 (2013): 42, acedido em 19 de fevereiro de 2023, <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2013.9059>.

¹⁵⁹ Pinho, 53.

¹⁶⁰ Pinho, 53.

¹⁶¹ Pinho, 53.

Mais relevante e preocupante é o facto de ela não estar preparada para dar resposta a alguns desafios colocados pelos jovens. Ou seja, podemos observar que os seus problemas residem, sobretudo, ao nível teológico-pastoral.

Em concreto, a pergunta é se, na organização, no funcionamento e na qualidade da nossa catequese, estamos à altura das interpelações que nos são colocadas neste momento. É evidente que os problemas fundamentais não se reduzem a uma mera questão de organização, ainda que a organização, o modo de funcionamento e sua possível eficácia sejam de enorme importância. Há questões teológico-pastorais prévias envolvidas na tarefa catequética que precisam de ser refletidas: com que apropriação inculturada da mensagem bíblica e da tradição eclesial acontece a catequese? Como se situa a catequese a nível de diálogo com as questões que emergem na experiência humana e crente dos catequizandos? Qual a visão da Igreja que prevalece?¹⁶²

Em suma, facilmente se conclui que a catequese atual revela algumas dificuldades para se adaptar aos novos tempos; não obstante, ela deve procurar soluções para combater o abandono dos jovens. Assim sendo, «uma renovação da catequese não será viável se não acontecer ao mesmo tempo uma reflexão sobre a vida da paróquia e sua efetiva renovação».¹⁶³

3.3. Algumas orientações gerais do Magistério a respeito da Catequese

Neste ponto tentaremos observar e compreender algumas orientações que nos são dadas pelo magistério no que diz respeito à catequese e à sua realização.

3.3.1. O bispo como primeiro catequista

O bispo, enquanto pastor da Igreja local, é o primeiro catequista para a diocese que lhe está confiada. Ele deve, por isso, cuidar da catequese, orientando e coordenando todos os demais responsáveis que, aos mais diversos níveis, colaboram com ele em ordem a despertar (e manter vivo) o interesse das crianças pela vida de Jesus. Como disse São João Paulo II, «o Bispo é o primeiro anunciador do Evangelho por meio das palavras e do testemunho de Vida» (*Pastores gregis*, 26). Com isto compreendemos que a tarefa do bispo é essencial para a catequese e para o seu desenvolvimento, sendo necessário que sejam zelosos nesta sua missão específica para que, assim, possam ajudar no crescimento e no desenvolvimento dos jovens. Mais em concreto:

O cuidado do Bispo pela atividade catequética convida-o a:

¹⁶² Pinho, 54.

¹⁶³ Pinho, 54.

1. zelar pela catequese ocupando-se diretamente da transmissão do Evangelho e conservando a integridade do depósito da fé;
 2. assegurar a inculturação da fé no território dando prioridade a uma catequese eficaz;
 3. elaborar um projeto global de catequese, que esteja ao serviço das exigências do Povo de Deus e em sintonia com os planos pastorais diocesanos e da Conferência episcopal;
 4. suscitar e manter «uma verdadeira paixão pela catequese, uma paixão que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, meios e instrumentos e também os recursos financeiros necessários»;
 5. procurar que «os catequistas se preparem convenientemente para esta missão, de modo que conheçam plenamente a doutrina da Igreja e aprendam teórica e praticamente as leis psicológicas e as ciências pedagógicas»;
 6. verificar com atenção a qualidade dos textos e instrumentos para a catequese.
- (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 40).

Como podemos constatar, o primeiro catequista é o bispo e deve-o ser através do exemplo e do anúncio do Evangelho. Embora nem sempre seja possível levar a cabo tal missão de forma efetiva e localizada, os bispos devem constituir, nas suas dioceses, uma equipa responsável pela organização, estruturação e orientação global da atividade catequética de forma a cativar e a incentivar os jovens na permanente redescoberta e crescimento da sua relação com Jesus Cristo. O bispo é, assim, o primeiro catequista da diocese e deve (poder) contar com a ajuda dos seus colaboradores, em particular o seu presbitério. Os párocos devem ser os primeiros catequistas nas suas paróquias e comunidades, dando assim continuidade e extensão à tarefa que é do seu bispo, a do ensino e da educação na fé.

3.3.2. *O pároco e a catequese*

Como já mencionado, é ao pároco que compete dar continuidade e extensão à missão catequética do bispo diocesano. Vejamos, de acordo com o já citado *Novo Diretório para Catequese*, quais as «funções próprias do pároco» neste âmbito:

- dedicar-se com interesse competente e generoso à catequese dos fiéis confiados ao seu cuidado pastoral, tirando partido de todas as oportunidades que lhe forem dadas pela vida paroquial e pelo ambiente sociocultural para proclamar o evangelho;
- cuidar da relação entre a catequese, a liturgia e a caridade, valorizando de modo especial o domingo como dia do Senhor e da comunidade cristã;

- suscitar na comunidade o sentido da responsabilidade em relação à catequese e discernir as vocações específicas a este respeito, manifestando gratidão e promovendo o serviço prestado pelos catequistas;

- prover à organização da catequese, integrada no projeto pastoral da comunidade, confiando na colaboração dos catequistas. É bom que vivencie as várias fases da análise, da programação, da escolha dos instrumentos, da realização e da avaliação;

- assegurar a ligação entre a catequese na sua comunidade e o programa pastoral diocesano, evitando qualquer forma de subjetivismo no exercício do ministério sagrado;

- enquanto catequista dos catequistas, cuidar da sua formação, dedicando a esta tarefa a máxima solicitude e acompanhando-os no amadurecimento da fé; valorizando, além disso, o grupo de catequistas como contexto de comunhão e de corresponsabilidade necessário para uma formação autêntica. (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 41)

Conclui-se, portanto, que é em articulação com os seus bispos que os párocos desempenham um papel fundamental na vida dos jovens e no crescimento da fé, sendo responsáveis pela catequese nas suas paróquias. Partilhando da mesma missão, partilham igualmente do mesmo zelo na tarefa em causa, zelo que também passa pelo cuidado especial para com aqueles e aquelas que, ao nível da suas paróquias e comunidades, dão muito de si e do seu tempo na sua colaboração nesta tarefa: os catequistas.

3.3.3 Os catequistas: perfil e missão

A nossa experiência leva-nos a constatar que, na maioria das vezes, são os leigos a assumir e assegurar a tarefa da catequese nas paróquias, prestando assim «um precioso serviço à evangelização» (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 126). A sua vivência espiritual-cristã já é, muitas vezes, testemunho de fé para os seus catequizandos. Simultaneamente, em diversas ocasiões também os consagrados realizam esta tarefa, ou nas paróquias onde estão inseridos ou no contexto das suas próprias estruturas e especificidades pastorais. Com efeito, «a primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas. Mais do que com as palavras, elas testemunham essas maravilhas com a linguagem eloquente de uma existência transfigurada, capaz de causar surpresa no mundo» (*Vita consecrata*, 20).

Os consagrados têm um papel preponderante no ensino da fé. Entre estes poderemos sublinhar o papel dos diáconos: nomeados para auxiliar os párocos nas múltiplas missões pastorais, os diáconos devem ter um interesse genuíno e estarem devidamente envolvidos na

ação catequética da comunidade, para que possam também eles participar do anúncio da fé aos jovens.

Com efeito,

Na edificação do Corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Único é o Espírito que, para o bem da Igreja, distribui os seus vários dons conforme a sua riqueza e as necessidades dos ministérios» (LG 7). A igreja é composta de diversos ministérios, através dos quais realiza a sua tarefa evangelizadora. Um desses ministérios é o ministério da catequese. O ministério da catequese é muito importante na Igreja, pois «ocupa um lugar significativo, indispensável para o crescimento da fé. Este ministério introduz à fé, e juntamente com o ministério litúrgico, gera os filhos de Deus no seio da Igreja. (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 110).

Assim, quando falamos de “ministério de catequista”, devemos compreender que este não é um ministério de hoje, mas sim um «Ministério antigo (...). Os teólogos pensam, comumente, que se encontram os primeiros exemplos já nos escritos do Novo Testamento» (*Antiquum ministerium*, 1). Desde sempre verificamos quão necessária e fundamental se revela a dedicação dos leigos para o crescimento das comunidades cristãs. A “diversidade de dons” disponíveis no seio da comunidade cristã obriga-nos a que os coloquemos ao dispor do crescimento da mesma comunidade, a começar por aqueles que, dentro dela, constituem o seu mais imediato futuro – os mais jovens –, pois toda a história de evangelização passa por aqui: pelo constante esforço de renovação das consciências e da importância do compromisso dos leigos. Sem desmerecer o papel do bispo como primeiro catequista e do pároco como aquele a quem compete “estender” esta missão ao nível das comunidades locais, aos catequistas deve ser reconhecida a capacidade de serem chamados para colaborar no serviço da catequese. Eis o que o Papa Francisco, num documento muito recente, nos aponta a este respeito:

Despertar o entusiasmo pessoal de cada batizado e reavivar a consciência de ser chamado a desempenhar a sua missão na comunidade requer a escuta da voz do Espírito que nunca deixa faltar a sua presença fecunda (cf. *CIC* cân. 774 §1; *CCEO* cân. 617). O Espírito chama, também hoje, homens e mulheres para irem ao encontro de tantas pessoas que esperam conhecer a beleza, a bondade e a verdade da fé cristã. É tarefa dos Pastores sustentar este percurso e enriquecer a vida da comunidade cristã com o reconhecimento de ministérios laicais capazes de contribuir para a transformação da sociedade através da «penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico». (*Antiquum ministerium*, 5)

Neste documento, o Papa Francisco não só recupera os pontos essenciais da Doutrina e do Magistério a respeito do enquadramento eclesial e pastoral da missão dos catequistas como

dá um passo novo, fazendo dele um verdadeiro “ministério laical”, exigente e corresponsabilizador na tarefa da evangelização da Igreja, para o qual não deixa de apontar exigências/condições muito específicas:

Convém que, ao ministério instituído de Catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese. (*Antiquum ministerium*, 8)

O catequista é, assim, um cristão escolhido para o serviço da Igreja. E, quando decide aceitar este chamamento, toma parte, de forma muito especial, da missão evangelizadora de Jesus. O catequista torna-se, assim, um instrumento através do qual Deus se fará presente na vida das crianças e jovens que com ele construirão uma relação catequética. O catequista não detém, contudo, a exclusividade nesta missão: os bispos, os presbíteros, os diáconos e, a seu modo, a própria Comunidade partilham da missão evangelizadora junto dos seus membros mais novos.

O catequista deve ser, antes de tudo, uma testemunha, ou seja, deve ter a capacidade de viver verdadeiramente o projeto de Jesus para que assim possa ajudar a transmitir e ensinar aos novos jovens que serão futuros discípulos de Jesus.

Por conseguinte, o catequista é (deve ser):

1- *Testemunha da fé e guardião da memória de Deus*; experimentando a bondade e a verdade do Evangelho no seu encontro com a pessoa de Jesus, o catequista preserva, nutre e testemunha a vida nova que daí deriva e torna-se sinal para os outros. A fé contém a memória da história de Deus com os homens. Preservar esta memória, despertá-la nos outros e colocá-la ao serviço do anúncio é a vocação específica do catequista. O testemunho da vida é necessário para a credibilidade da missão. Reconhecendo as próprias fragilidades diante da misericórdia de Deus, o catequista não deixa de ser sinal de esperança para os irmãos;

2- *Mestre e mistagogo* que introduz no mistério de Deus, revelado na Páscoa de Cristo; enquanto imagem de Jesus Mestre, o catequista tem a dupla tarefa de transmitir o conteúdo da fé e de guiar até ao mistério dessa mesma fé. O catequista é chamado a abrir à verdade sobre o homem e sobre a sua vocação última, comunicando o conhecimento de Cristo e, ao mesmo tempo, a introduzir às várias dimensões da vida cristã, desvelando os mistérios de salvação contidos no depósito da fé e atualizados na liturgia da Igreja;

3- *Acompanhador e educador* daqueles que lhe são confiados pela Igreja; o catequista é um perito da *arte do acompanhamento*, tem competências educativas, sabe escutar e entrar nas dinâmicas do amadurecimento humano, faz-se companheiro de viagem com paciência e sentido da gradualidade, na docilidade à ação do Espírito, num processo de formação, ajudando os irmãos a amadurecer na vida cristã e a caminhar em direção a Deus. O catequista, perito em humanidade, conhece as alegrias e as esperanças do homem, as suas tristezas e angústias (cf. GS 1) e sabe colocá-las em relação com o Evangelho de Jesus. (*Novo Diretório para a catequese*, 39-40).

Estas são algumas características gerais que os catequistas devem ter para que possam acompanhar e ajudar os jovens a crescer na fé e ajudá-los a serem discípulos de Jesus. Não obstante, convirá sublinhar que «o verdadeiro protagonista de toda a catequese autêntica é o Espírito Santo que, mediante uma profunda união que o catequista nutre com Jesus Cristo, torna eficazes os esforços humanos na atividade catequética» (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 39). Vejamos, de seguida, e mais em pormenor, alguns aspetos relativos à necessária formação para que os catequistas possam ser verdadeiros “peritos em humanidade”.

3.3.4. *A sempre necessária formação*

Aos catequistas, escolhidos de entre o povo de Deus para assumirem uma tarefa tão essencial no quotidiano da comunidade, é necessário que sejam fornecidas as condições materiais e espirituais para que possam desempenhar de forma digna esta tarefa a que foram chamados. Uma dessas condições é a oportunidade de formação. O seu testemunho cristão pode ser maravilhoso e a sua experiência humana muito vasta; não obstante, eles necessitam de formação para que possam transmitir convenientemente os seus conhecimentos e experiência cristã aos seus catequizandos de acordo com as orientações pastorais da Igreja a que pertencem.

A formação dos catequistas requer uma atenção particular, porque a qualidade das propostas pastorais está necessariamente ligada às pessoas que a concretizam. Perante a complexidade e as exigências do tempo em que vivemos, é forçoso que as Igrejas particulares dediquem à formação dos catequistas energias e recursos adequados. (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 45).

A formação de catequistas não deve, portanto, ser vista como uma imposição. Ela tem como principal objetivo a “transformação da pessoa”: ela pretende que quem a faz, aprenda sobre o que é essencial para que depois o possa ensinar às crianças que lhes foram confiadas.

É um processo que, por acontecer no íntimo do catequista, toca profundamente a sua liberdade e não pode ser reduzido apenas à instrução, à exortação moral ou à atualização de técnicas pastorais [...].

A formação de catequistas, nos dias de hoje, ocupa um lugar fundamental na vida nas comunidades e dos próprios catequistas. Ela tem por finalidade, antes de mais, tornar os catequistas conscientes de que, enquanto batizados, são verdadeiros *discípulos missionários*, ou seja, sujeitos ativos de evangelização e, com base neste fundamento, habilitados pela Igreja a *comunicar* o Evangelho e a *acompanhar e educar* na fé. A formação dos catequistas ajuda, portanto, a desenvolver as competências necessárias para a comunicação da fé e para o acompanhamento do crescimento dos irmãos. A finalidade cristocêntrica da catequese modela toda a formação dos catequistas e pede-lhes que saibam animar o percurso catequético, de modo a fazer emergir a centralidade de Jesus Cristo na história da salvação. (*Novo Diretório para Catequese*, n.º 45).

3.3.4.1. Alguns critérios

São essenciais alguns critérios que possam guiar a formação dos catequistas. Estes, por sua vez, devem sentir-se acompanhados neste caminho de formação pessoal. Assim sendo, de seguida iremos apresentar os critérios de formação apresentados pelo *Novo Diretório para Catequese*:

- *Espiritualidade missionária e evangelizadora*: em todo o processo formativo é vital que se respire a centralidade da experiência espiritual em perspetiva missionária. Para evitar o risco de cair numa azáfama pastoral estéril, o catequista seja formado como discípulo missionário, capaz de partir de novo, sempre a partir da sua experiência de Deus, que o envia para se colocar ao lado dos irmãos. Esta espiritualidade missionária, entendida como encontro com os outros, compromisso no mundo e paixão pela evangelização, alimenta a vida do catequista e salva do individualismo, do intimismo, da crise de identidade e da diminuição do fervor.

- *Catequese como formação integral*: trata-se de «formar catequistas que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã integral, desenvolvendo “tarefas de iniciação, de educação e de ensino”. São necessários catequistas que sejam, ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas». Para tal, também a formação dos catequistas deve saber inspirar-se na experiência catecumenal que se caracteriza, entre os outros elementos, justamente por esta visão de conjunto da vida cristã.

- *Estilo do acompanhamento*: a Igreja sente o dever de formar os seus catequistas para a arte do acompanhamento pessoal, seja propondo-lhes a experiência de *ser acompanhados*

para crescer no discipulado, seja habilitando-os e enviando-os para *acompanhar* os irmãos. Este estilo requer uma disponibilidade humilde, para se deixar tocar pelas questões e interpelar pelas situações da vida, com um olhar cheio de compaixão, mas também respeitador da liberdade dos outros. A novidade à qual o catequista é chamado está na proximidade, no acolhimento incondicional e na gratuidade com que ele se disponibiliza para caminhar ao lado dos outros para os escutar e explicar as Escrituras (cf. *Lc 24,13a35; At 8,26-39*), sem estabelecer o percurso de antemão, sem pretender ver os frutos e sem reter nada para si.

- *Coerência entre os estilos formativos*: «como critério geral, é preciso sublinhar a necessidade de coerência entre a pedagogia global da formação catequética e a pedagogia própria de um processo catequético. Seria muito difícil para o catequista improvisar, na sua ação, um estilo e uma sensibilidade, para os quais não tivesse sido iniciado durante a sua própria formação»³.

- *Perspetiva da docibilitas e da autoformação*: as ciências da formação indicam algumas atitudes como condição para um percurso formativo frutuoso. Antes de mais, é necessário que o catequista amadureça a *docibilitas*, ou seja, a disposição para se deixar tocar pela graça, pela vida, pelas pessoas numa atitude serena e positiva perante a realidade para aprender a aprender. Além disso, a disponibilidade para a autoformação é o que habilita o catequista a apropriara-se de um método formativo e a saber aplicá-lo a si e ao seu serviço eclesial. Trata-se concretamente de se entenderem como sujeitos sempre em formação e abertos às novidades do Espírito, de saberem preservar e alimentar sozinhos a própria vida de fé, de acolherem o grupo de catequistas como recurso para a aprendizagem, de terem o cuidado de estar atualizados.

- Dinâmica de laboratório no contexto de grupo, como prática formativa em que a fé se aprende fazendo, ou seja, valorizando o que se vive, os contributos e as reformulações de cada um, em vista de uma aprendizagem capaz de transformar. (n.º 47)

A partir destes enunciados conseguimos compreender quais os critérios mais importantes para a formação de catequistas e que devem ser trabalhados na diocese e nas paróquias para que possamos ter catequistas cada vez mais preparados para os desafios de hoje e que consigam guiar os jovens a serem discípulos de Jesus.

3.3.5. *A família, espaço da “primeira Catequese”*

Não restam dúvidas de que os pais são um suporte na vida dos filhos e no seu desenvolvimento, sendo os seus primeiros e essenciais educadores, também – e sobretudo – através do seu exemplo. Segundo S. João Paulo II, «Para os pais cristãos, a missão educativa,

radicada na sua participação na obra criadora de Deus, tem uma fonte nova e específica no sacramento do Matrimónio, que os consagra para a educação propriamente cristã dos filhos» (*Familiaris consortio*, 38). Assim sendo, os pais são chamados a serem sujeitos ativos na vida e na educação religiosa dos seus filhos. Com eles e através deles a tarefa da evangelização e de crescimento na fé fica muito mais facilitada para as catequistas, pois trabalham todos como que “em rede” e ajudam-se mutuamente na transmissão da fé aos mais novos. E o mesmo se diga acerca dos avós, verdadeiramente um bem maior para a Igreja.¹⁶⁴ Na maioria das vezes, são os avós o grande suporte para muitas das dificuldades que as famílias atualmente enfrentam. É sabido que esta sua capacidade de resposta firme e esperançosa diante das dificuldades é devida, não raras vezes, ao seu forte “enraizamento na fé cristã”. São verdadeiras testemunhas e educadores da fé, pois em larga medida são eles que, do fundo da sua sabedoria, tempo e paciência, ensinam aos seus netos as primeiras orações.

Falamos, portanto, dos pais e dos avós quer como “primeiros catequistas” quer como agentes de suporte/apoio aos próprios catequistas *strictu sensu* no quadro das paróquias. No entanto, não nos podemos esquecer de outras pessoas que assumiram um compromisso no dia do nosso batismo e que também são essenciais para o nosso crescimento e para o nosso desenvolvimento na fé: os padrinhos. Os padrinhos assumiram um compromisso no dia do batismo dos seus afilhados: o compromisso de ajudar os pais na educação sobretudo religiosa dos seus filhos. A sua tarefa é «mostrar ao catecúmeno, de modo familiar, a prática do evangelho na vida individual e na convivência social, ajudá-lo nas suas dúvidas e inquietações, dar testemunho acerca dele e velar pelo crescimento da sua vida batismal».¹⁶⁵

Podemos, assim, concluir que para a transmissão da fé são essenciais muitas pessoas na vida de um jovem: desde o seio materno até à comunidade paroquial são múltiplas as pessoas que trabalham e ajudam o jovem a crescer e a desenvolver-se na fé. Quase poderíamos concluir que todos são, a seu modo, “catequistas”: através do seu exemplo e da sua vivência de fé, são responsáveis por ensinar e educar, por guiar e orientar a criança/jovem na sua caminhada de descoberta da pessoa de Jesus.

¹⁶⁴ «A Igreja sempre teve em relação aos avós uma atenção particular, reconhecendo-lhes uma grande riqueza sob o perfil humano e social, assim como sob o religioso e espiritual». - Papa Bento XIV, «Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Família», 5 de agosto de 2008. Acedido a 10 de setembro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080405_pc-family.html.

¹⁶⁵ Ritual Romano, *Iniciação Cristã de Adultos*, 2ª (Conferência Episcopal Portuguesa), n.º 43. Acedido 10 de setembro de 2023, <https://www.liturgia.pt/rituais/RICA.pdf>.

3.4. O pensamento pedagógico de Padre Américo e a catequese atual: intuições e desafios

Tal como tivemos já oportunidade de aprofundar no 2º capítulo deste trabalho, os princípios educativos apresentados por Padre Américo são, em suma: o exercício da liberdade, o auto-governo, o exercício da responsabilidade, a educação da liberdade, o fator natureza, a vida familiar e o cultivo de valores humanos. Estes são os princípios educativos gerais pelos quais os gaiatos que se encontravam na Casas e Lares do Gaiato eram orientados, princípios estes que, em nosso entender, podem inspirar, em grande medida, a catequese atual.

Mais concretamente, diremos que uma catequese orientada pelo princípio da liberdade e da responsabilidade potencia a que os agentes pastorais nela envolvidos passem a olhar para os jovens mais como “sementes de futuro” e não tanto como “colheitas de hoje”. Isto significa dar-lhes liberdade de expressão e de ação, mas simultaneamente inculcar-lhes o sentido justo da responsabilidade pelos seus atos. Do mesmo modo, potenciar nas crianças e jovens catequizados um maior contacto com a natureza ajudá-los-á não só a compreender, mas sobretudo a agradecer e a “fruir” da beleza do “mistério da vida” manifesto pela Criação. Por fim, incentivar os jovens para uma vivência mais plena do ambiente familiar, ensinando-os a verem nos seus pais um exemplo e, simultaneamente, potenciar uma catequese verdadeiramente familiar, em estreito contacto com os pais, ajudando-os a verem nos seus filhos muito mais do que destinatários/recetáculos passivos das suas indicações/ordens/regras parece-nos ser um caminho verdadeiramente inspirador e transformador da catequese atual.

Em nosso entender, é também nesta articulação entre o pensamento pedagógico de Padre Américo e a catequese atual que se faz notar a atualidade e perenidade deste projeto pedagógico. Devidamente compreendidos e enquadrados, os princípios que o constituem e caracterizam podem ser um notável contributo para todos os envolvidos nos processos catequéticos, das crianças e jovens, aos vários agentes de pastoral catequética anteriormente citados. Aplicando estes princípios fundamentais, a catequese poderá tornar-se como que “uma família de famílias”, ou seja, uma outra forma de dizer e compreender a própria comunidade. Todos os envolvidos estarão sintonizados num mesmo propósito: o crescimento na fé, dos mais novos e dos menos novos. Uns e outros, conhecendo e respeitando mutuamente os respetivos ritmos e necessidades, se ajudariam mutuamente a crescer na relação, pessoal e comunitária, com Jesus Cristo.

Este era, de certo modo, um objetivo presente no próprio projeto educativo do Padre Américo e que se revela profundamente inspirador para a catequese de hoje: o desenvolvimento de uma consciência e cultura de liberdade e responsabilidade mútua, onde o amor (Caridade)

deve sempre prevalecer. D. Manuel Linda, na sua mensagem pascal de 2023 lembrou que «a primeira célula da grande Igreja é a família. Por isso, chamamos à família “Igreja doméstica”»¹⁶⁶. Assim, somos igualmente capazes de perceber melhor que o que foi dito e proposto pelo Padre Américo no século XX faz sentido ainda nos dias de hoje, sobretudo quando falamos de uma catequese de tipo familiar.

Apontam-se, hoje, diversas dificuldades quanto à melhor forma de lidar com as crianças; não obstante, não devemos perder do nosso horizonte o que é essencial: que a catequese, nos tempos atuais, há de ser sobretudo testemunho: um testemunho que se exige belo, quer por quem tem nela a responsabilidade de criar um mundo novo nos jovens, nas famílias e nas comunidades paroquiais, quer para as crianças e jovens que a frequentam/integram. Devemos, portanto, conhecer, compreender e intuir, no projeto educativo de Padre Américo, como que um grande desafio, pois através das suas palavras e testemunho vital, «Padre Américo é assim, neste aspeto, como apóstolo que une o homem novo do século XX, nascido no diálogo, na universalização dos problemas, ao homem do século anterior, personalista e individualista»¹⁶⁷. Por isso, será relevante considerar a catequese a partir do olhar e da ação de Padre Américo, também eles em permanente atualização e reformulação diante dos sempre novos desafios que teve que enfrentar. Assim talvez se consiga renovar a catequese e, deste modo, contribuir igualmente para a renovação da própria Igreja.

3.5. Algumas propostas em ordem a um novo projeto catequético

Com base na análise aqui empreendida e nos pressupostos elencados, apresenta-se a seguir o que se poderá considerar como um “esboço” de um novo projeto catequético inspirado no pensamento de Padre Américo.

- Duração total do percurso catequético = 6 anos;
Primeira fase: dos 9 aos 11 anos de idade;
Segunda fase: dos 12 aos 15 anos de idade;
Terceira fase: um último ano, de preparação para o Sacramento da Confirmação.
- Descrição sumária da proposta:

¹⁶⁶ SDEC - Secretariado Diocesano de Educação Cristã, «Catequese em nossa casa. Acompanhamento dos grupos e das famílias», *Diocese do Porto* (site), acedido 14 de maio de 2023, <https://www.diocese-porto.pt/pt/noticias/secretariados/sdec-catequeseemnossacasa>.

¹⁶⁷ Loureiro, *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*, 48.

1. A catequese deveria começar apenas no quarto ano de escolaridade. No entanto, durante os primeiros anos (do primeiro ao terceiro) deverá ser feito um acompanhamento pastoral ao nível da família, trabalho este a ser desenvolvido em âmbito paroquial.

2. Promover-se-ia uma revisão geral dos catecismos, tornando-os mais “práticos”, quer dizer, mais direcionados para a ação e não somente para a reflexão. Com efeito, tem-se a percepção de que a catequese como que estagnou no tempo. Continuamos a trabalhar pastoralmente com os jovens e adolescentes repetindo os mesmos métodos e estratégias dos nossos catequistas e formadores, num tempo muito diferente do atual. É fundamental criar um ambiente de verdadeiro acolhimento pastoral, quer no que respeita àqueles (poucos e porventura cada vez em menor número) que ainda nos procuram, quer junto daqueles que “ficam à porta” ou “à margem” das nossas propostas pastorais mais imediatas e comuns. Não podemos continuar a considerar que todos estamos no mesmo nível de compreensão e cosmovisão religiosa. Teremos de sair da nossa “zona de conforto”, e ir ao encontro dos mais fragilizados, dos que mais necessitam da nossa ajuda nesta sua aproximação à “vida nova” proposta por Jesus Cristo.

3. A catequese deve ser, portanto, um ponto de viragem, através do qual poderemos chegar aos mais novos e aos seus pais. Aproveitando o seu potencial transformador, poderemos, através deles, escrever uma nova história, na catequese e na Igreja, certamente tendo de enfrentar novos desafios, mas igualmente demonstrando uma maior capacidade de estar e caminhar com os demais na descoberta do plano salvífico de Deus para o Seu Povo. Eis aqui como Padre Américo nos surge como um exemplo de superação e de coragem que nos deve inspirar. Com efeito, perante uma sociedade que se esquecia dos mais desfavorecidos, Padre Américo foi uma voz de denúncia e de crítica perante tal situação. A sua coragem e capacidade de ouvir e de se fazer ouvir foi notável. No seu horizonte sempre estiveram presentes os mais fracos, os mais fragilizados, os esquecidos ou postos de parte. Padre Américo olhava para eles como seres únicos e especiais, inclusive até como pessoas que poderiam ensinar e ajudar a crescer e a desenvolver a própria sociedade que os ignorava e/ou ostracizava. Nos dias de hoje, e imitando esta sua atitude, devemos olhar para os meninos e meninas da catequese com esta confiança: de que eles podem e vão mudar o mundo, se para tal lhes for concedida essa oportunidade, tal como os “gaiatos” de Padre Américo. Foi assim que ele ajudou os seus jovens a crescer em estatura e em sabedoria, na liberdade para a responsabilidade. E este é (deveria ser) um desafio constante para qualquer catequista, hoje.

Em Padre Américo, verdadeiro e pleno Homem da Igreja do seu tempo, mas que soube ver para além desse mesmo tempo e circunstância, devemos intuir um grande exemplo. Numa

época em que era particularmente difícil a uma criança (sobretudo se fragilizada pela sua circunstância familiar e social) crescer e “ser alguém”, ele mostrou que tal não só não era impossível como justo e necessário, ajudando muitos rapazes abandonados a crescer e a tornarem-se homens úteis e de muito valor para a sociedade. Precisamos, pois, de nos deixarmos inspirar por Padre Américo, tornando-nos nós também alavancas de crescimento para as crianças de hoje, para que elas possam tornar-se, igualmente, homens e mulheres devidamente inseridos e realizados na sociedade.

O seu projeto educativo ajudou muitos jovens a crescer e a aprender. As tarefas que ele lhes pedia para executarem eram apenas mais um instrumento de aprendizagem e de crescimento, pessoal e comunitário. Todos se entajudavam, ninguém ficava de fora das tarefas. Tudo fazia parte de um processo de aprendizagem e de crescimento distendido no tempo e respeitador das faixas etárias dos nele envolvidos. O projeto de Padre Américo é, deste modo, um projeto que ainda está vivo e muito presente na sociedade de hoje, continuando a formar jovens em e na sociedade, jovens a quem é oferecido um novo futuro, um novo horizonte de vida e de crescimento. Assim entendemos que deve ser a catequese: capaz de formar jovens em e para a sociedade, com capacidade para crescer, na liberdade e na responsabilidade.

Em suma, podemos constatar que as intuições e propostas pedagógico-espirituais de Padre Américo ainda estão muito atuais, pelo que devemos olhar para ele como um verdadeiro mestre e pedagogo, não só para os rapazes e sociedade do seu tempo, mas também para os dias de hoje. É certo que ele foi um homem exemplar numa época muito particular; que ele marcou um tempo, através sobretudo da marca que deixou em várias gerações de rapazes por quem e com quem trabalhou. Eis, assim, o que a Igreja e em particular todos os agentes pastorais envolvidos nos processos catequéticos devem igualmente fazer nos dias de hoje: trabalhar com e pelos jovens, contando com eles na construção do Reino prometido e já realizado em Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

Padre Américo Monteiro de Aguiar foi, de facto, um verdadeiro mestre e pedagogo, não só pelos seus ensinamentos também pela forma modelar da sua vida e projeto pedagógico-assistencial. O seu exemplo vital ajuda-nos a olhar para ele como um verdadeiro mestre; criou um sistema exemplar para ajudar os jovens a redescobrirem a sua verdadeira identidade e a crescerem, em sabedoria e em alegria. O encontro dele com os jovens mais necessitados é um exemplo de fé e de confiança, uma confiança demonstrada desde logo pelos próprios pais que deixavam os seus filhos ao seu cuidado. Eles sabiam que ele seria um bom exemplo, um verdadeiro mestre.

A sua principal preocupação era o cuidado dos jovens e do seu bem-estar. Muitas foram as dúvidas que assaltaram o pensamento do Padre Américo; contudo, ele nunca se deixou vencer por esses medos ou questões: sempre foi atrás do que considerava ser o mais correto para proporcionar o melhor àqueles jovens que não dispunham de nada, mas que eram capazes de sorrir com o pouco que lhes era proporcionado. Um simples gesto fazia deles as pessoas mais felizes do mundo.

Padre Américo foi um homem e um padre dotado de umas particulares capacidades de comunicação e de escuta. Soube escutar, de forma especial, os jovens mais necessitados, as suas ânsias, os seus sonhos; foram sempre eles a ocupar o primeiro lugar na sua vida. Sempre olhou para eles com um olhar de futuro. Cuidava deles; podia ter pouco, mas o pouco que tinha partilhava e repartia com todos. E esse “pouco” era bastante. Por isso mesmo é que ainda hoje, quem o conheceu, quem foi acolhido pelo seu coração bondoso, quem se abeira, respeitoso e admirado, do seu legado, pede que a Igreja o reconheça como santo.

O objetivo principal de Padre Américo nunca se alterou, apesar de ser contrariado por muitos dos seus contemporâneos, tal como o fora, ainda jovem, pelo seu próprio pai. Sempre pautou o seu agir pela forma como pensava. Diante da problemática situação em que, naquela época, a questão do ensino em Portugal se encontrava; diante de uma taxa de analfabetismo muito elevada; diante de uma população com pouca cultura (e não obstante diversas reformas educativas), Padre Américo nunca desanimou perante tais circunstâncias e lutou sempre pelos seus rapazes. Ele teve a audácia de sonhar e gizar um projeto “de raiz”: uma obra de educação e de verdadeira formação cívica, pensada e organizada em função de jovens que só conheciam a vida da e na rua. Queria dar-lhes educação e formação, mas sobretudo estar sempre próximo e presente na vida daqueles jovens: estar lado a lado, junto deles, para os ajudar a crescer, como um verdadeiro “pai”.

Num tempo marcado por tantas repressões, Padre Américo acreditava numa educação na, pela e para a liberdade. Por isso, ainda hoje, é importante considerarmos os fundamentos da Obra da Rua: talvez eles nos possam ajudar a compreender o que é (e como deve) ser um verdadeiro educador.

A sua proposta pedagógica tinha, portanto, os pés bem assentes no “presente” daqueles jovens, mas os olhos postos no (seu) futuro. Padre Américo estava profundamente convencido de que a educação era o verdadeiro “bem maior” para os jovens que tinha ao seu encargo. Para isso trabalhou e a tal desígnio dedicou toda a sua vida, todas as suas forças., sempre com o objetivo de ajudar os jovens a crescer e a serem homens preparados para o futuro.

Terminado este trabalho de investigação em que se pretendeu articular esta sua proposta pedagógico-social com a catequese atual, poder-se-á concluir que foram aqui apontados alguns caminhos de reflexão relevantes para a pastoral catequética. Deste modo, é como se esta investigação não terminasse verdadeiramente aqui, mas constituísse o ponto de partida para um trabalho que poderá trazer novos frutos no futuro: uma nova perspetiva sobre a catequese, as suas dinâmicas, a sua organização e as suas estratégias de formação.

Reconhecem-se, necessariamente, algumas limitações na investigação, nomeadamente quanto à impossibilidade de realização de um questionário junto de alguns agentes pastorais sensíveis e implicados na pastoral catequética, de modo a recolher e apresentar dados mais objetivos acerca daquela que é a sua perceção acerca das dificuldades e problemas experimentados neste âmbito pastoral. Admite-se inclusive a possibilidade de, com esses dados, poderem ter sido outras as conclusões aqui apresentadas. Resta o desejo de que tais limitações possam ser convertidas em estímulo para futuros aprofundamentos destas questões.

Que a catequese, inspirada pelos princípios pedagógicos de Padre Américo, saiba encontrar sempre os “novos caminhos” que a “eterna novidade” do Evangelho significa para os cristãos, novidade particularmente expressa nos mais jovens, eles que são o verdadeiro “presente e futuro” da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, Américo Monteiro de. «Boas notícias». *O Gaiato*, 13 de julho de 1946.
- ———. *Cantinho dos Rapazes*. 2.^a. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1997.
- ———. «De como foi a minha segunda corrida ó dinheiro». *O Gaiato*, 7 de setembro de 1946.
- ———. *Doutrina*. Vol. II. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1977.
- ———. *Doutrina*. 1.^a. Vol. 2.^o. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1977.
- ———. «Facetas de uma vida». *O Gaiato*, 1 de setembro de 1956.
- ———. «Facetas de uma vida». *O Gaiato*, 29 de setembro de 1956.
- ———. *Isto é a casa do Gaiato*. 2.^a. Vol. II. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1971.
- ———. *Isto é a Casa do Gaiato*. 3.^a. Vol. I. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1985.
- ———. *Normas de Vida dos «Padres da Rua»*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 2016.
- ———. *O Barredo*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1952.
- ———. *Obra da Rua*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1965.
- ———. *Ovo de Colombo*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1954.
- ———. *Pão dos Pobres*. Vol. I. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1958.
- ———. *Pão dos Pobres*. Vol. II. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1959.
- ———. *Pão dos Pobres*. Vol. III. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1962.
- Baptista, P.e. *O Calvário*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1978.
- Barbosa, M. Durães. *Padre Américo Educar ao sentido de Responsabilidade*. Porto: Edições Salesianas, 1987.
- Bento XVI, Papa. «Carta Encíclica “Deus caritas est”», 25 de dezembro de 2005. Acedido a 11 de setembro de 2023. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html.
- ———. «Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Família», 5 de agosto de 2008. Acedido a 10 de setembro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080405_pc-family.html.
- Cardoso, Maria Manuela Lopes. Américo Monteiro de Aguiar Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas e um projeto pedagógico. Lisboa: Chaves Ferreira, 2007.
- Carvalho, José Carlos. «A educação cristã: saudosismo, utopia, ou futuro?: Uma nota». *Theologica* 37, n.º 1 (2002): 119–34. <https://doi.org/10.34632/theologica.2002.10639>.
- ———. «Educação cristã: saudosismo, utopia ou futuro? Uma nota». *THEOLOGICA* 37, n.º 1 (2002): 119–34.

- Conferência Episcopal Portuguesa. «Carta Pastoral “A alegria do encontro com Jesus Cristo”», 13 de maio de 2017. Acedido a 11 de setembro de 2023.
<https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/catequese-a-alegria-do-encontro-com-jesus-cristo/>.
- Duarte, Maria Palmira de Moraes Pinto (coord.). *A Porta Aberta*. 2.^a. Paço de Sousa: Casa da Gaiato, 1985.
- Ferreira, José F. Coelho. *Padre Américo Vida e Obra*. 3.^a. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 2007.
- Francisco, Papa. «Carta Apostólica “Antiquum ministerium”», 10 de maio de 2021. Acedido a 10 de setembro de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html.
- ———. «Carta Encíclica “Laudato Si”», 24 de maio de 2015. Acedido a 10 de setembro de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html.
- ———. «“Evangelii Gaudium”: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual», 24 de novembro de 2013. Acedido a 10 de setembro de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.
- Gaspar, Helena, e Célia Ribeiro. «A pedagogia – ao longo dos tempos». *Gestão e Desenvolvimento*, 2016, 191–211.
<https://doi.org/10.7559/GESTAOEDESENVOLVIMENTO.2016.341>.
- João Paulo II, Papa. «Exortação Apostólica “Catechesi Tradendae”», 16 de outubro de 1979. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html.
- ———. «Exortação Apostólica “Familiaris Consortio”», 22 de novembro de 1981. Acedido a 10 de setembro de 2023. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html.
- ———. «Exortação Apostólica pós-sinodal “Pastores gregis”», 16 de outubro de 2003. Acedido a 10 de setembro de 2023. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.html.

- ———. «Exortação apostólica pós-sinodal “Vita consecrata”», 25 de março de 1996. Acedido a 10 de setembro de 2023. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html.
- Loureiro, João Evangelista. *Um grande educador português do século XX o Padre Américo e a Sua obra pedagógica*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1996.
- Martins, Ernesto Candeias. *AMOR, MEDITAÇÃO e ACCÇÃO/ Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*. Coimbra: Palimage, 2009.
- ———. *O Projeto Educativo do Padre Américo O ambiente na educação do rapaz*. 1ª. Lisboa: Temas e Debates, 2004.
- Mendes, Padre Manuel. *Padre Américo Itinerário Vocacional*. 1ª. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 2014.
- ———. *Recoleção de Advento dos Padres da Diocese do Porto*. 1ª., 2016.
- ———. *Súmula Biográfica do Padre Américo*. 1ª. Porto, 2016.
- Neves, Moreira das. *O Padre Américo*. Col. «Homens de Deus» 9. Lisboa: Edições Paulistas, 1987.
- Pinho, José Eduardo Borges de. «Transmitir e propor a fé: encruzilhadas e desafios». *Humanística e Teologia* 34, n.º 1 (2013): 39–69. <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2013.9059>.
- Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. «Novo Diretório para a Catequese», 25 de junho de 2020. Acedido a 10 de setembro de 2023. <https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/06/novo-diretorio-catequese.pdf>.
- Ramos, José da Rocha. *Padre Américo Místico do nosso tempo*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1997.
- Ritual Romano. Iniciação Cristã de Adultos. 2ª ed. Conferência Episcopal Portuguesa. Acedido a 10 de setembro de 2023. <https://www.liturgia.pt/rituais/RICA.pdf>.
- Secretariado Diocesano de Educação Cristã. «Catequese em nossa casa. Acompanhamento dos grupos e das famílias». *Diocese do Porto* (blog). Acedido 14 de maio de 2023. <https://www.diocese-porto.pt/pt/noticias/secretariados/sdec-catequeseemnossacasa>.